

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ELIEZER VICTOR PEREIRA RAMOS

UMA ANÁLISE TEOLÓGICA E PSICOLÓGICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO
DE JAY EDWARD ADAMS E SEGUIDORES

SÃO PAULO

2008

ELIEZER VICTOR PEREIRA RAMOS

UMA ANÁLISE TEOLÓGICA E PSICOLÓGICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO
DE JAY EDWARD ADAMS E SEGUIDORES

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Religião

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÔNIO MÁSPOLI DE ARAÚJO GOMES

São Paulo

2008

R175a Ramos, Eliezer Victor Pereira

Uma análise teológica e psicológica do aconselhamento bíblico de Jay Edward Adams e seguidores / Eliezer Victor Pereira Ramos – 2008.

97 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

Bibliografia: f. 93-97.

1. Aconselhamento Bíblico 2. Psicologia analítica 3. Revelação
4. Adams, Jay Edward 5. Jung, Carl Gustav I. Título

LC BV4012.2
CDD 253.5

ELIEZER VICTOR PEREIRA RAMOS

UMA ANÁLISE TEOLÓGICA E PSICOLÓGICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO
DE JAY EDWARD ADAMS E SEGUIDORES

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Religião

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes (orientador)
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª. Dra. Sueli Galego de Carvalho
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Lourenço Stelio Rega
Faculdade Teológica Batista de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua graça e bondade, por ter encontrado em Jesus Cristo “um jugo suave e um fardo leve” e por também me possibilitar mais esta oportunidade de crescimento.

Aos meus pais, Eliezer e Cibele Ramos, pelo apoio, oração, sustento e incentivo sempre. Gratidão é o que vem ao meu coração quando penso neles e nos seus esforços.

Ao Professor Doutor Antônio Máspoli de Araújo Gomes pela prontidão em aceitar orientar este trabalho e pelos momentos muito agradáveis de conversa, orientação e incentivo.

Aos examinadores, Dr. Lourenço S. Rega e Dra. Sueli Galego, pelas excelentes sugestões ao trabalho.

Ao amigo e pastor Hélio Schwartz Lima, da Primeira Igreja Batista da Penha, pelas contribuições e sugestões.

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

À minha noiva Fernanda
“Através de ti, Deus toca meu ser e pelo seu
olhar vejo o amor de Deus”.

*Refleta agora: Qual foi o inocente que chegou a
perecer? Onde os íntegros sofreram destruição?*

Elifaz à Jó. (Jó 4.7)

RESUMO

A presente pesquisa compara o Aconselhamento Bíblico desenvolvido e proposto por Jay Edward Adams e a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Segundo Jay Adams, para ser bíblico o aconselhamento deve ser noutético, palavra transliterada do grego e que tem relação com confronto e exortação. Essa é a idéia básica do aconselhamento de Jay Adams: confronto com o pecado pessoal na vida do aconselhado. Para o autor não existem os termos “neurose e psicose”, isto é algo que a ciências rotula, sendo que, por trás de toda doença não orgânica encontra-se um pecado pessoal que deve ser confrontado para que ocorra o arrependimento, ou seja, a mudança de comportamento. Nesta mesma linha, John MacArthur Jr. desenvolve seu Aconselhamento Bíblico estabelecendo forte separação entre a Psicologia e o Aconselhamento, postura esta, que deve ser assumida por todos os cristãos compromissados com a Bíblia. Entretanto, a vida de Jung faz um contraponto com toda esta idéia. Ele, o criador da Psicologia Analítica, declara ser protestante e defensor da fé cristã. Estão dispostas, assim, duas posições de cristãos em relação à Psicologia e, como conseqüência, uma análise teológica e psicológica do Aconselhamento Bíblico é proposta no último capítulo. Para a análise teológica destacam-se dois pontos: primeiro, os conselheiros bíblicos seguidores da linha de pensamento de Jay Adams, ressaltam, desproporcionalmente, a Revelação Especial de Deus em detrimento da Revelação Geral, esquecendo-se de que Deus dispõe a todas as suas criaturas capacidade intelectual através da graça comum; segundo, os conselheiros bíblicos dizem que a Bíblia é um manual de aconselhamento por excelência, porém, ela própria não aborda direta e claramente algumas questões relacionadas a transtornos mentais, mas estabelece categorias de pensamento para que o homem, não contradizendo ao que está revelado na Bíblia, ajude terapeuticamente o seu próximo. A análise psicológica destaca apenas um ponto: a definição de doença mental no Aconselhamento Bíblico, por este ser o principal viés que, como ferramenta de auxílio, determinará a posição de alguém em relação à Psicologia. Jung diz que o equilíbrio mental é estabelecido numa relação sadia entre o consciente e o inconsciente, sendo fundamental para a saúde mental entrar em contato e conhecer aspectos incôscios da personalidade, numa postura construtiva diante do futuro.

Palavras-chave: Aconselhamento bíblico. Revelação geral e especial. Suficiência da Bíblia. Doença mental. Psicologia analítica.

ABSTRACT

This research compares the Biblical counseling developed and proposed by Jay Edward Adams and the Analytic Psychology of Carl Gustav Jung. According to Jay Adams, in order to be Biblical, the counseling must be Nouthetic, word transliterated from Greek and which is related to confrontation and exhortation. This is the main idea of Jay Adams' counseling: confrontation of personal sin in the life of the person who has been counseled. As it is said by the author, there are not the words "neurosis" and "psychosis", they are something that science created, behind all not organic disease there is a personal sin which must be confronted so as to have the repentance, or, to change the behavior. In the same way, John MacArthur Jr. developed his Biblical counseling establishing a substantial division between Psychology and Counseling, position that all Christians, compromised with the Bible, have to take. However, the life of Jung is opposed to this idea. He, who founded the field of Analytic Psychology, declares to be protestant and protector of the Christian faithfulness. Therefore, there are two positions of Christians on Psychology and, consequently, a theological and psychological analysis of Biblical Counseling in the last chapter. Thus, for the theological analysis, there are two main points: first, the Biblical counselors who follow Jay Adams' thoughts and who indicate, in a way out of proportion, the God's special Revelation and with a reduction of the General Revelation importance, not taking into consideration that God gives intellectual capacity, using common recognition, for all human beings; second, the Biblical counselors state that the Bible is a counseling manual par excellence, although, It does not take some themes of mental disorders, but establishes thoughts categories so as the humanity, agreeing with the Bible, help his or her Brother. The psychological analysis indicates only one point: the definition of mental disease of the Biblical counseling, since it is the principal possibility, as a helpful device, will determine the position of someone in relation to Psychology. Jung asserts that the mental equilibrium is established in a healthy relation between conscious and unconsciousness, since it is essential to mental health in order to know and understand unconscious aspects of personality, a constructive attitude for the future.

Keywords: Biblical Counseling. Especial and General Revelation. Bible's Sufficiency. Mental Disease. Analytical Psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – O ACONSELHAMENTO BÍBLICO	13
1.1 O Aconselhamento Noutético – Jay E. Adams	13
1.1.1 As Pressuposições do Aconselhamento Noutético	14
1.1.2 A Metodologia do Aconselhamento Noutético	18
1.1.3 Jay Adams e o conceito de Doença Mental	21
1.1.4 O Aconselhamento Noutético e a Evangelização	22
1.1.5 Jay Adams e a Psicologia	23
1.2 Os seguidores de Jay Adams: O Aconselhamento Bíblico de John F. MacArthur Jr. e Wayne A. Mack	26
1.2.1 Panorama do Aconselhamento Bíblico de John F. MacArthur e Wayne A. Mack	26
1.2.2. O Processo do Aconselhamento Bíblico	29
1.2.3 Perguntas freqüentes a respeito do Aconselhamento Bíblico - Psicologia e Doença Mental	36
1.3 Conclusão: O Aconselhamento Bíblico	42
CAPÍTULO 2 – A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG	44
2.1 Suas Origens Familiares e Religiosas	44
2.2 Conceitos Básicos da Psicologia Analítica de Jung	49
2.2.1 A Psique Objetiva	49
2.2.2 A Abordagem Inconsciente – Os Sonhos	51
2.2.3 O Complexo	51
2.2.4 A <i>persona</i>	54
2.2.5 A Sombra	55
2.2.6 <i>Anima e Animus</i>	56
2.2.7 O <i>Self</i>	58
2.2.9 Tipos Psicológicos	58
2.2.8 A Terapia Junguiana	60

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO	65
3.1 Limites Teológicos	65
3.1.1 Revelação Geral e Especial	65
3.1.2 Suficiência das Escrituras	68
3.1.3 Discussão dos pressupostos de Jay Adams à luz da Análise Teológica	74
3.2 Limite Psicológico	82
3.2.1 Doença Mental	82
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
5 REFERÊNCIAS	93
6 BIBLIOGRAFIA	95

INTRODUÇÃO

Psicologia e Teologia são áreas inter-relacionadas e muito próximas porque ambas tratam do mesmo objeto de estudo: o homem em suas múltiplas expressões, emocional, social, física e espiritual. A Psicologia foca seus estudos e pesquisas no aspecto relacional do homem, o seu comportamento como um todo e, através disso acaba inevitavelmente encontrando-se com as concepções religiosas que os seres humanos têm, já que estas convicções se expressam e influenciam toda sua vida. Já os teólogos e ministros religiosos partem do aspecto espiritual do homem e chegam, conseqüentemente, em todas as dimensões do seu ser, social, emocional e física.

Por serem áreas com características comuns e que encontram no homem seu ponto de intersecção, muitos pensadores: psicólogos, psiquiatras e filósofos esbarraram no campo religioso e então discorreram suas idéias em relação a este homem que busca a transcendência, algo além de si mesmo, por meio da sua expressão religiosa. Da mesma maneira, o teólogo também chega, inevitavelmente, ao campo das relações humanas e desenvolve suas teorias em áreas da Psicologia, por exemplo.

Alguns teólogos e ministros religiosos, ao analisarem as obras de alguns desses pensadores, estranharam seu conteúdo e, sem concordar, ou muitas vezes até mesmo não entendendo o que diziam, generalizaram outros sem ouvi-los. Essa atitude criou um afastamento em que muitos cristãos vivem em relação à Psicologia e Psiquiatria.

O presente estudo busca trabalhar justamente esta intersecção que muitas vezes permanece como um tabu, em que julgamentos são facilmente proferidos, mas à qual há pouco diálogo e limitada compreensão. A pesquisa tem como objetivo relacionar a Psicologia e o Aconselhamento Bíblico ao analisar as principais obras de Jay E. Adams e seus seguidores, sendo o principal deles John MacArthur Jr. Além de buscar identificar como o conhecimento adquirido e aprofundado pela ciência psicológica tem sido aproveitado dentro do contexto do Aconselhamento Bíblico, este trabalho apresenta diferentes posicionamentos de teóricos cristãos em relação à Psicologia e analisando o Aconselhamento de Adams, sendo o principal deles Carl Gustav Jung.

O interesse sobre o assunto surgiu de um desejo pessoal do pesquisador, baseado na sua formação acadêmica, tanto em Psicologia, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, como em

Teologia, pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, assim como em sua prática clínica e eclesial.

A partir da publicação do livro *Conselheiro Capaz*, de Jay E. Adams em 1970 nos Estados Unidos, idéias e opiniões contrárias ao uso da Psicologia têm sido difundidas em larga escala, conduzindo inúmeros cristãos e pastores, não somente a questionar a cientificidade da Psicologia, mas também sua validade e utilidade dentro do contexto da fé cristã e do Aconselhamento Cristão.

Gary Collins, psicólogo cristão, declara: “seu sistema [elaborado por Jay Adams] é o mais conhecido entre os evangélicos”¹. Roger Hurdling o chama de “uma figura influente entre os conselheiros evangélicos nos dois lados do Atlântico”².

A influência no mundo evangélico (protestantes, pentecostais e neopentecostais) do Aconselhamento Bíblico de Jay Adams, mais conhecido também por Aconselhamento Noutético³, é notável em muitos seminários teológicos e cursos de aconselhamento cristão, sendo muito utilizado e indicado. Isto levou uma grande geração de conselheiros cristãos a incorporarem não só o modelo proposto por Adams, mas também suas idéias que resultaram num afastamento da pesquisa científica e dos estudos da Psicologia.

Ricardo Quadros Gouvêa ao escrever para Revista *Ultimato*, elaborou uma lista de quarenta livros que mais influenciaram o mundo evangélico nos últimos quarenta anos, ali ele coloca o “O Conselheiro Capaz” de Jay Adams. Sobre o livro ele afirma:

Adams era uma pessoa muito simpática. Sua escola de aconselhamento cristão é muito antipática. Diferentemente de Crabb, por exemplo, problemas emocionais têm origem fisiológica ou pecaminosa. Por isso, é preciso confrontar as pessoas e insistir na mudança de seu comportamento. Foi um sucesso nos anos 80. Haja behaviorismo!⁴

O resultado pretendido nesta pesquisa é proporcionar maior integração entre estas duas áreas do conhecimento humano, aproximando não só as áreas acadêmicas, mas profissionais e pessoas que estão envolvidas tanto com Psicologia como com o Aconselhamento Bíblico.

¹ COLLINS, Gary R. *Ajudando uns aos outros*. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 173.

² HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 317.

³ Para Adams, o Aconselhamento Bíblico é um aconselhamento noutético. Mais adiante, é abordado o porquê de Adams utilizar esta denominação: “noutético”.

⁴ GOUVÊA, R.Q. Quarenta livros que fizeram a cabeça dos evangélicos brasileiros nos últimos quarenta anos. *Ultimato*, Viçosa, Minas Gerais, ano XLI, n.315, p. 62-65, nov./dez.2008

Para a análise do Aconselhamento Bíblico de Jay Adams, propõe-se uma questão em que se estudará este modelo de aconselhamento, que é o problema no qual esta pesquisa está fundamentada: quais são os limites teológicos e psicológicos do Aconselhamento Bíblico de Jay Adams e seguidores?

Ao apresentar esta questão com dois pontos básicos para análise do Aconselhamento Bíblico, pretende-se identificar através dos limites teológicos: o destaque conferido à revelação especial e geral e a questão da suficiência da Bíblia. Da mesma forma, procura-se identificar, no Aconselhamento Bíblico, o limite psicológico desta teoria, ao analisar, à luz de Carl G. Jung, o conceito de doença mental desenvolvido por Adams como anacrônico à sua época. Este é o ponto crítico e o fator determinante em todo o desenvolvimento de sua teoria.

A partir deste problema central apresentado na pesquisa, outras questões relacionadas ao tema são, conseqüentemente, respondidas, tais como: é possível um Aconselhamento Bíblico livre do uso das ferramentas e recursos da Psicologia? Existe algum tipo de Aconselhamento Cristão em que se incluam as ferramentas e conhecimentos oferecidos pela Psicologia?

Para a realização do trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica com ênfase em estudos exploratórios, pois proporciona maior familiaridade com o problema da pesquisa, aprimoramento de idéias, considerando os mais variados aspectos relativos ao fato.

CAPÍTULO 1 – O ACONSELHAMENTO BÍBLICO

O que se pretende dizer com Aconselhamento Bíblico? “Aquelas metodologias que apresenta grande e bem divulgado destaque em sua base escriturística. Os conselheiros que mantêm tais pontos de vista elevados sobre a Bíblia, por sua própria maneira de ser, tendem a provir de setores reformados e evangélicos”⁵.

Como afirma Wayne Mack: “trata-se de descobrir as causas dos problemas e aplicar princípios bíblicos a essas causas”⁶.

É importante dizer que os conselheiros bíblicos diferenciam seu modo de aconselhamento do que é chamado de Aconselhamento Cristão, porque este último é integracionista ao assimilar teorias e métodos da Psicologia e das ciências de um modo geral, como é observado no último capítulo.

1.1 O Aconselhamento Noutético – Jay E. Adams

Jay Adams, nascido em 30 de Janeiro de 1929 (Baltimore, EUA) é considerado o grande precursor do movimento de Aconselhamento Bíblico. Gary Collins, psicólogo cristão declara: “seu sistema é o mais conhecido entre os evangélicos”⁷. Roger Hurding o chama de “uma figura influente entre os conselheiros evangélicos nos dois lados do Atlântico”⁸.

Os vários autores que escreveram o livro de John MacArthur Jr., “Introdução ao Aconselhamento Bíblico”, e que reflete o pensamento dos conselheiros bíblicos dos dias atuais em relação a esta metodologia de aconselhamento iniciado por Adams, afirmam: “a partir do ponto de vista humano, essa redescoberta está ligada primordialmente à vida e ao empenho de um homem: Jay E. Adams. Ele começou a ver, tratar e aconselhar de uma maneira que ele e outros não tinham tratado ou realizado anteriormente”⁹.

⁵ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 316.

⁶ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004. p. 203.

⁷ COLLINS, Gary R. *Ajudando uns aos outros*. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 173.

⁸ HURDING, Roger, Op cit., p. 317.

⁹ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne. Op. cit. p. 71.

1.1.1 As pressuposições do Aconselhamento Noutético

Na busca de solucionar os problemas na área de aconselhamento que surgiam em seu gabinete pastoral e tendo sido convidado para ensinar teoria básica do Aconselhamento Pastoral no Seminário Teológico de Westminster (EUA), Adams se entregou à busca de informações sobre a área, lendo diversas obras que lhe chegasse às mãos.

Tendo se graduado em Teologia, com especialização em Homilética e Oratória e com experiência na área de aconselhamento como pastor de vários ramos da Igreja Presbiteriana da Pensilvânia e de New Jersey, experimentou imensa frustração quando procurou aconselhar cristãos com métodos freudianos e rogerianos ¹⁰.

Com isso, Adams analisou a Bíblia para verificar o que ela dizia sobre aconselhamento e chegou à conclusão de que:

A Bíblia diz muita coisa acerca do aconselhamento devido à gente carregada de problemas pessoais [...] surgiram-me questões difíceis como as que dizem respeito à relação existente entre possessões demoníacas e a loucura. Comecei sondagens sobre a dinâmica subjacente aos efeitos psicossomáticos da culpa, aparentemente retratados nos Salmos 31, 38, 51 ¹¹.

Jay Adams afirma que, ao crer na veracidade e autoridade da Bíblia, o que lhe cabia era dizer que especialistas em saúde mental erravam profundamente tentando transferir do pecador a sua responsabilidade, colocando a fonte do seu problema alcoólico ou sexual em fatores estruturais ou sociais completamente fora do seu controle. “Ao invés disso, a Palavra de Deus afirma que a fonte desses problemas jaz na depravação da natureza humana decaída” ¹².

Por meio da indicação de um amigo, Jay Adams entrou em contato com as obras de O. Hobart Mowrer (1907-1982), um neobehaviorista que desafiava a própria existência da psiquiatria institucionalizada, afirmando que os dogmas psiquiátricos correntes eram falsos ¹³.

¹⁰ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 318.

¹¹ ADAMS, Jay. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987. p. 11.

¹² *Ibid.*, p. 12.

¹³ *Ibid.*, p. 12.

Posteriormente, Adams seria convidado pelo próprio Mowrer para passar dois meses, durante o verão de 1965, em Illinois, EUA, para trabalhar, supervisionado por ele, numa casa de saúde mental em Kankakee e em Galesburg (Illinois – EUA), dirigindo terapia de grupo durante sete horas por dia, cinco dias por semana. Adams diz que “aquele programa de verão foi um ponto decisivo de mudança em meu pensamento [...] cheguei a conclusão depois de que esse tipo de atividade com grupos de pessoas é antibíblico e, portanto, prejudicial”¹⁴.

Adams diz:

seguindo os métodos de Mowrer, começamos a ver pessoas rotuladas de ‘neuróticas, psiconeuróticas e psicóticas’ (gente de todo o tipo) recebendo benefício mediante a confissão de conduta transviada e a aceitação de sua responsabilidade por tal conduta. A ênfase dada por Mowrer à responsabilidade era fundamental. Mowrer instava as pessoas a confessarem seus erros (não a Deus, mas) aos seres humanos atingidos por esses erros; exortava-os igualmente a repararem o mal sempre que possível. Mowrer não é cristão. Nem sequer teísta¹⁵.

O autor foi fortemente influenciado pelo antifreudismo de Mowrer, que chamava Freud de “o flautista de Hamelin, que nos enganou, levando-nos a idéias e práticas gravemente errôneas”¹⁶. Hobart Mowrer provocou profunda influência no pensamento de Adams, principalmente com o seu abandono do modelo médico de doença mental, anunciando um modelo moral em que se reconhecem a culpa real e a responsabilidade pessoal para doenças de origem não-orgânica.

O trabalho de Adams com Mowrer nas duas instituições de doentes mentais confirmou esta descoberta, de sorte que ele, à semelhança de seu mentor, repudiou a validade dos termos “psicose” e “neurose”, concluindo que as pessoas estavam internadas ali “por causa de seu comportamento pecaminoso não perdoado e inalterado” e chamando a terapia em grupo, praticada por Mowrer e Adams nas duas instituições, de “antibíblica e prejudicial”¹⁷.

Após toda sua reflexão observando o trabalho de Mowrer, Adams voltou de seu verão em Illinois decidido a levar “o ministério da Palavra de Deus” aos chamados doentes mentais¹⁸. Para

¹⁴ ADAMS, Jay. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 13.

¹⁵ *Ibid.*, p. 13.

¹⁶ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 264.

¹⁷ ADAMS, Jay. *Op. cit.*, p. 13.

¹⁸ *Ibid.*, p. 15.

Adams, “no fundo, o crente acredita que existem somente duas abordagens: a cristã e a não cristã”¹⁹. Ele afirma isto claramente quando profere:

Desde a época de Abraão, tem havido dois conselhos neste mundo: o conselho divino e o conselho demoníaco; os dois estão competindo entre si. A posição da Bíblia é que todo conselho que não é revelacional (bíblico), isto é, baseado na revelação de Deus, é satânico²⁰.

Para ele não existe meio-termo. Há apenas ou o conselho “divino” ou o conselho “demoníaco”. Os dois são colocados em total conflito entre si, concluindo assim que a Psicologia e a Bíblia estão dispostas nesta rivalidade completamente antagônicas. Adams defende que o aconselhamento tem de ser voltado somente para o cristão, ao apresentar o que ele chama de “pré-aconselhamento” para o não-cristão, em que o trabalho do conselheiro é “confrontar os não-salvos com a oferta universal do evangelho”²¹.

Se a evangelização é bem sucedida, então o cliente não-regenerado pode ser aconselhado. Este aspecto é apresentado e defendido incisivamente por todo Aconselhamento Bíblico: “você não consegue aconselhar incrédulos no sentido bíblico (mudá-los, santificá-los por meio da obra do Espírito Santo, na medida em que sua Palavra é ministrada em seus corações) enquanto eles permanecem incrédulos”²².

Jay Adams reconhece a importância e influência do pensamento do Dr. Cornelius Van Til, ex-professor de apologética do Seminário Teológico de Westminster e o cita por diversas vezes em seus trabalhos, principalmente em suas notas de rodapé, justamente por defender este tipo de pensamento bíblico. Van Til afirma: “todos os sistemas não cristãos exigem autonomia para o homem, procurando, por esse modo, destronar a Deus”²³.

Roger Hurding afirma que Jay Adams defendeu posição semelhante à de Cornelius Van Til quanto à nítida dicotomia entre as razões do viver cristão, que faz parte de ‘um mundo dirigido pelo conselho de Deus’; e do incrédulo, que pressupõe ‘um mundo de acaso’²⁴. O raciocínio de Van Til é de que as metodologias científicas (e aqui podemos inserir os sistemas

¹⁹ ADAMS, Jay. *O manual do conselheiro cristão*. 4. ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 1994, p. 77.

²⁰ Id. *More than redemption: a theology of christian counseling*. Phillipsburg: Presbyterian and reformed, 1979, p. 4.

²¹ Id. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 80.

²² Id. *More than redemption: a theology of christian counseling*. Phillipsburg: Presbyterian and reformed, 1979, p. 326.

²³ Id. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 18.

²⁴ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 319.

psicológicos) jamais são neutras; elas desenvolvem-se com base em concepções da realidade – cristã ou não-cristã. Van Til, afirma que: “todos os homens estão ou em aliança com Satanás, ou em aliança com Deus”²⁵.

A idéia de Adams de dois reinos polarizados – o sagrado e o profano – é acompanhada por uma perspectiva de mútua exclusão, em que se atribuiu o desconforto humano ou ao pecado pessoal ou a uma disfunção física. Para ele, não existe território intermediário de doença mental ou perturbação psicológica que não seja induzido pelo pecado diretamente. Ele escreve: “considera-se que todos os problemas de causa não-orgânica são hamartogênicos (causados pelo pecado). A vida pecaminosa está no centro da atenção do aconselhamento”²⁶.

Adams declara:

Biblicamente falando, não há base para o reconhecimento da existência de uma disciplina separada e distinta chamada Psiquiatria. Nas Escrituras há somente três fontes originadoras de problemas pessoais na vida diária: a atividade de demônios (sobretudo a possessão), o pecado pessoal e as enfermidades físicas. Essas fontes estão interrelacionadas entre si. Todas as opções podem ser cobertas por esses três fatores, não havendo espaço disponível para um quarto: as enfermidades mentais não-orgânicas²⁷.

Hurding aponta: “nossas concepções da realidade afetam diretamente as nossas metodologias”²⁸. Essa ligação é tão clara para Adams como seria para qualquer outro teórico da Psicologia, enquanto muitos deles fundamentam suas teorias em pressuposições filosóficas como o humanismo, existencialismo, determinismo, e que refletem a maneira pela qual eles enxergam a realidade à sua volta; Adams faz o mesmo, pois procura, a partir de seu entendimento das Escrituras, defender sua postura do Aconselhamento Noutético, como o Aconselhamento Bíblico.

Essas são as pressuposições básicas que vão permear todo o Aconselhamento Noutético de Adams: a Bíblia é inequívoca quando enfatiza dois conselhos opostos, ‘divino’ e ‘demoníaco’, e quando destaca que a aflição humana, exceto a de origem demoníaca, é ou física ou pecaminosa (às vezes ambas as coisas).

Ao se observar a história de Adams e como ela se desenvolveu, dois nomes estão nos pressupostos básicos de Jay Adams: Hobart Mowrer e Van Til. O primeiro, Hobart Mowrer,

²⁵ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 319.

²⁶ ADAMS, Jay. *Nouthetic Counseling*. p. 155.

²⁷ Id. *O manual do conselheiro cristão*. 4. ed. São José dos Campos: Fiel, 1994. p. 22.

²⁸ HURDING, Roger. Op. cit. p. 320.

chama a atenção de Adams para a responsabilidade do comportamento humano. Pelas inúmeras semelhanças de aspectos da Psicologia Comportamental com a teoria do Aconselhamento Bíblico de Adams, conclui-se a forte influência do neobehaviorista Mowrer sobre Adams em diversos conceitos que ele aplica à sua metodologia na hora do atendimento: reforço positivo e negativo, modelagem, postura diretiva, entre outros conceitos básicos da Psicologia Comportamental²⁹.

Já Cornelius Van Til influencia Adams no pressuposto filosófico mostrando a impossibilidade da Psicologia e Bíblia ocuparem o mesmo espaço, de existir, ou o conselho demoníaco ou o conselho provindo de Deus, sendo que este último não pode vir de não crentes. Jay Adams junta os dois e os transforma no Aconselhamento Noutético.

1.1.2 A metodologia do Aconselhamento Noutético

Jay Adams procura fundamentar seu estilo de aconselhamento na atividade do Espírito Santo em convencer o homem do pecado, da justiça e do juízo e, na compreensão da Bíblia advogando que o homem “se declare réu convicto, que confesse seu pecado e que procure o perdão em Cristo”³⁰. A palavra é confrontar o pecado.

Em relação ao aconselhamento, Adams afirma que o Espírito Santo prefere operar por meio de agentes humanos, fato que ele demonstrou claramente ao dar dons do ministério à sua igreja e que qualquer atividade humana que não reconhece e nem provenha do poder do Espírito Santo, é rebelde tentativa de ignorar o Espírito de Deus e, portanto, é vazia de poder para efetuar aquilo que só pode ser efetuado pelo Espírito³¹.

Para Adams “o Espírito Santo é a fonte de todas as mudanças genuínas de personalidade, mudanças essas que envolvem a santificação do crente – 2 Coríntios 3.18”³².

A partir desta idéia, Adams questiona:

como é que ministros cristãos remetem gente de suas igrejas, sofredora por falta de domínio próprio, a um psiquiatra que nunca pôde descobrir o segredo

²⁹ Esta questão é tratada no último capítulo.

³⁰ ADAMS, Jay. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 68.

³¹ *Ibid.*, p. 39.

³² *Ibid.*, p. 38.

do domínio próprio em sua vida pessoal? [...] Poderá ele ter esse fruto do Espírito sem contar com o Espírito? ³³.

Em relação à Bíblia, para Adams ela é o compêndio de aconselhamento por excelência. Tudo o que é necessário para formar valores, crenças, atitudes e estilos de comportamento, é encontrado na Bíblia. Como para Adams nenhum outro livro é capaz de fazê-lo, todas as outras obras que tentam traçar um quadro geral sobre as questões básicas do ser humano, para serem utilizadas no aconselhamento, passam a rivalizar com a Bíblia. É por isso que o método de Adams conclama para si o rótulo de “O Aconselhamento Bíblico”.

Jay Adams afirma que a técnica bíblica de aconselhamento por excelência é o que ele denomina de “Aconselhamento Noutético”. O adjetivo deriva do verbo grego *noutheteo* e do substantivo correspondente *nouthesia*, palavras que ocorrem principalmente nos escritos do Apóstolo Paulo.

Adams cita três dos textos bíblicos em que aparece a palavra que ele transliterou por *noutético*: Colossenses 1.28 ³⁴ e Romanos 15.14 ³⁵. A palavra *noutético* foi traduzida para o português como admoestação e advertência.

Nenhum vocábulo em português comunica o pleno sentido da palavra *nouthésis*. Uma vez que se trata de um vocábulo rico de significação, sem equivalente exato em português, ele é transliterado neste volume [...] os conceitos inerentes a essa palavra talvez não existam em nosso idioma ³⁶.

Para exemplificar como se desenvolve o aconselhamento *noutético*, Adams afirma haver três elementos básicos dentro da prática deste aconselhamento e que abrangeriam o sentido da palavra ³⁷.

“Esses três elementos podem ser sumarizados como mudança, confrontação e interesse”

³⁸.

1 – Discernimento do erro - mudança

³³ ADAMS, Jay. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 38.

³⁴ Colossenses 1.28: “Nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo” – Almeida Revista e Atualizada.

³⁵ Romanos 15.14 “E estou certo, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para nos admoestardes uns aos outros” – Almeida Revista e Atualizada.

³⁶ ADAMS, Jay. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 57.

³⁷ Id., *O manual do conselheiro cristão*. 4. ed. São José dos Campos: Fiel, 1994, p. 58-63.

³⁸ Ibid., p. 26.

Para Adams a confrontação noutética sugere, necessariamente e antes de tudo, que há algo de errado com o indivíduo que precisa ser nouteticamente confrontado. A idéia de alguma coisa errada, algum pecado, alguma obstrução, algum problema, alguma dificuldade, alguma necessidade que precise ser reconhecida e tratada, é uma idéia fundamental. A confrontação noutética põe em relevo uma condição no consultante que faz Deus querer que ele passe por uma transformação. Primeiro é necessário saber o que está biblicamente errado na vida do aconselhado para, então, dar continuidade ao propósito básico da confrontação noutética, que é o de *efetuar mudança de conduta e de personalidade*³⁹.

2 – Confrontação verbal mediante a Palavra Divina, a fim de alterar suas atitudes e condutas pecaminosas.

As perguntas que Adams orienta seus conselheiros a fazer, para refletir sobre como se formou tal comportamento, são: “o que está errado?” e “o que é que você andou fazendo?”⁴⁰.

Adams diz que não há necessidade de se perguntar o porquê, pois “a razão pela qual as pessoas se envolvem em problemas [...] está em sua natureza pecaminosa”⁴¹, mas apenas o que a pessoa fez com sua natureza pecaminosa e quais foram os pecados que ela cometeu para chegar ao estado em que se encontra.

Para Adams “o aconselhamento noutético procura corrigir os esquemas pecaminosos de conduta, mediante a confrontação pessoal e o arrependimento, a ênfase é posta em ‘o quê’”⁴².

3 – Interesse.

“O terceiro elemento presente na confrontação noutética implica em mudar aquilo que, em sua vida, fere o consultante”⁴³. Este interesse se manifesta tanto na postura do conselheiro diante da fala do aconselhado, quanto em verificar na vida dele (aconselhado) o comportamento que ele (conselheiro) reprova e pensa que é importante modificar de acordo com os padrões bíblicos.

³⁹ ADAMS, Jay. *O manual do conselheiro cristão*. 4. ed. São José dos Campos: Fiel, 1994, p. 58.

⁴⁰ Id., *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 62.

⁴¹ Ibid., p. 61.

⁴² Ibid., p. 62.

⁴³ Ibid., p. 63.

Para executar esta modificação do comportamento, Adams vê a afirmação abrangente de 2 Timóteo 3.15-17 ⁴⁴ como a pedra angular do Aconselhamento Bíblico que propõe. “O processo inteiro do aconselhamento, paralelamente aos recursos e à metodologia a ser usada, fica expresso ou subentendido nessa passagem” ⁴⁵.

Conclusão

Adams afirma que o Apóstolo Paulo fala de “confrontar todo o homem nouteticamente para que todo o homem seja apresentado perfeito em Cristo [...] as próprias Escrituras são nouteticamente orientadas” e continua dizendo que este texto aponta os meios noutéticos “ensino, reprovação, correção e treinamento” ⁴⁶.

Para Adams, a Bíblia é útil para os propósitos noutéticos de reprovar, ensinar, corrigir e treinar os homens na justiça. “O que quer que seja a atividade noutética, é evidente que o Novo Testamento presume que todos os cristãos – e não apenas os ministros do evangelho – devem ocupar-se dela” ⁴⁷, no entanto ele também afirma que, como vocação de vida, o aconselhamento deve ser prerrogativa do pastor ordenado ⁴⁸.

Aconselhamento Noutético, de acordo com Adams, também é autorizado no sentido de que intermedia a autoridade de Deus. Por assumir tal prerrogativa, Hurdling diz que “o aconselhamento noutético é disciplinador” ⁴⁹. Pois, para Adams “se um paciente se recusa a cumprir a vontade de Deus, a melhor coisa que o aconselhador tem por fazer é despedi-lo” ⁵⁰.

1.1.3 Jay Adams e o conceito de Doença Mental

Para Jay Adams não existe algo como doença mental. O homem não tem permissão de traçar um paralelo com a enfermidade física, em que a causa não se deve, necessariamente, ao

⁴⁴ “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” Nova Versão Internacional.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 96.

⁴⁶ ADAMS, Jay. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987. p. 64.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 55.

⁴⁸ *Id.*, *O manual do conselheiro cristão*. 4. ed. São José dos Campos: Fiel, 1994. p. 25.

⁴⁹ HURDLING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 323.

⁵⁰ ADAMS, Jay. *O manual do conselheiro cristão*. 4. ed. São José dos Campos: Fiel, 1994, p. 212.

pecado pessoal, porquanto, de acordo com Adams, “*não existe nenhuma área psicológica comparável a considerar*”⁵¹.

A expressão doença mental é empregada de maneira completamente ambígua. Disfunções orgânicas nocivas ao cérebro, causadas por lesões cerebrais, tumores, herança genética, desordens glandulares e químicas, é válido que recebam o nome de doenças mentais. Mas, ao mesmo tempo numerosos outros problemas humanos têm sido classificados como doenças mentais sendo que nada evidencia que tenham sido causados por qualquer enfermidade ou doença. Como descrição de muitos desses problemas, a expressão doença mental não passa de figura de linguagem, por sinal imprópria, na maioria dos casos⁵².

Segundo Adams, a Bíblia fala claramente de problemas baseados em defeitos orgânicos, bem como os que brotam de conduta e atitudes pecaminosas; e então ele questiona: “mas, onde, em toda a Palavra de Deus, há sequer um traço de alguma terceira fonte de problemas que pudesse aproximar-se do conceito moderno de doença mental?”⁵³.

O autor afirma que qualquer definição de doença mental, ou problemas psíquicos, precisa ser provada ou relacionada com a Bíblia e legitimamente corroborada por ela. “Os que de alto e bom som afirmam a existência de doença ou enfermidade mental, mas não logram demonstrá-la biblicamente”⁵⁴.

No entanto, seria este o papel da Bíblia? Dar todas as informações para construir compêndios psiquiátricos? Mais adiante, o assunto será tratado novamente, com base no argumento de Larry Crabb sobre a suficiência da Bíblia.

1.1.4 O Aconselhamento Noutético e a Evangelização

Todo aconselhamento noutético se inicia desta forma: na primeira sessão, o cliente preenche um formulário de dados pessoais, para dar ao conselheiro um ponto de partida sobre sua saúde, formação religiosa, tipo de personalidade, estado civil, histórico familiar e percepção do principal problema e o que já fez em relação a isto.

⁵¹ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 328.

⁵² ADAMS, Jay. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 44.

⁵³ *Ibid.*, p. 44.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 44.

Se a pessoa que procura aconselhamento já tiver assumido um compromisso pessoal com Jesus Cristo, o aconselhamento pode prosseguir; senão, o evangelho é primeiramente oferecido, porque, no que diz respeito ao incrédulo, Adams afirma que:

- 1- Deus não nos autorizou a reformar o exterior das pessoas;
- 2- Agir assim seria distorcer a verdadeira natureza de sua esplêndida redenção em Cristo;
- 3- O aconselhado pode confiar em qualquer mudança externa com a falsa segurança de que os problemas foram resolvidos.

Esse *pré-aconselhamento* é evangelístico, no qual em qualquer crise imediata, podem-se dar conselhos iniciais a fim de apresentar a boa nova em Cristo. Se a pessoa não quiser aceitar a Cristo e reconhecer-se como pecadora, o conselheiro é orientado a dizer: “Estamos diante de uma muralha [...] só existe um modo de atravessá-la – pela Porta, por meio daquele que disse: ‘Eu sou a Porta’ [...] não há mais nada que possa fazer por você até que atravesse essa Porta”⁵⁵.

Adams cita Provérbios 28.13 “O que encobre as suas transgressões, jamais prosperará; mas o que as confessa e a deixa, alcançará misericórdia”, para afirmar que:

O remédio que Deus tem para o problema do homem é a confissão. Ocultar as transgressões traz desgraça, derrota e ruína, mas a confissão e ao abandono do pecado trarão o perdão misericordioso e a paz⁵⁶.

1.1.5 Jay Adams e a Psicologia

A posição de Adams é “essencialmente de exclusão no que diz respeito aos conceitos e à prática da Psicologia e das disciplinas afins”⁵⁷.

O autor fundamenta sua crítica à Psicologia através dos escritos de Carl Rogers e principalmente Sigmund Freud. Em relação a Freud, Adams declara que a Psicanálise freudiana

⁵⁵ ADAMS, Jay. *More than redemption: a theology of christian counseling*. Phillipsburg: Presbyterian and reformed, 1979, p. 156-157.

⁵⁶ Id., *O manual do conselheiro cristão*. 4. ed. São José dos Campos: Fiel, 1994, p. 110.

⁵⁷ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 327.

acabou virando uma expedição arqueológica rumo ao passado, em que se dá busca a outros, sobre a quem lançar a responsabilidade pelo comportamento do paciente. A idéia básica consiste em descobrir como é que os outros o danificaram ⁵⁸.

Adams afirma que isto leva os pais a temerem a possibilidade de ocorrer futuras dificuldades psicológicas causadas pelos acontecimentos do passado de alguém. Assim, pais correm o risco de prejudicar a vida de seus filhos por prováveis choques traumáticos sentidos durante a aplicação de métodos disciplinares, levando ao abandono do castigo corporal imposto por alguns textos do livro de Provérbios (19.18, 23.13, 22.15) ⁵⁹.

O autor declara que:

um dos propósitos deste livro é mostrar que a Psiquiatria (a Psicologia não) é uma usurpação da obra do ministro do Evangelho. Os psiquiatras não funcionam como médicos. Seu alvo é a mudança de comportamento e da personalidade, e seu método é a modificação de valores. Esta usurpação foi feita mediante a declaração de que numerosas pessoas não doentes estavam doentes, colocando-as assim no território da Medicina. O próprio Freud antecipou-se a esta usurpação da função pastoral ⁶⁰.

Deste modo, ele denomina Freud de inimigo, “uma causa dos males da sociedade moderna somente como um fator causante de complicações, não como a causa básica daqueles males. A causa última é o pecado” ⁶¹.

Tudo o que se pode dizer de Freud é que suas idéias encorajaram pessoas irresponsáveis a persistirem em sua irresponsabilidade e a aumentá-la. Ele deu sua aprovação à conduta irresponsável e a fez respeitável. Suas idéias são iatrogênicas (geradoras da necessidade de terapia) [...] forneceu uma fundamentação racional, filosófica e pseudo-científica para as pessoas usarem a fim de justificar-se ⁶².

De acordo com Adams “a tese deste livro [Conselheiro Capaz] é que conselheiros cristãos qualificados, adequadamente treinados nas Escrituras, são competentes para aconselhar – mais competentes do que os psiquiatras e qualquer outra pessoa” ⁶³.

⁵⁸ ADAMS, Jay. *O manual do conselheiro cristão*. 4. ed. São José dos Campos: Fiel, 1994, p. 24.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 25.

⁶⁰ *Id. Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 30.

⁶¹ *Ibid.*, p. 34.

⁶² *Ibid.*, p. 34.

⁶³ *Ibid.*, p. 35.

Contudo, ele faz grande confusão em relação à definição de alguns termos, principalmente quando discorre sobre o que é Psiquiatria e o que é Psicologia. Suas críticas à Psiquiatria são muito mais cabíveis ao que ele parece dizer com Psicologia ou Psicoterapia. Mas o faz citando o termo “psiquiatria”, porque Freud foi um médico psiquiatra.

Em relação a Carl Rogers, Adams identifica o problema maior de se valer de suas técnicas, pois elas estão baseadas no pensamento liberal e humanista, a saber, que a solução dos problemas jaz no próprio homem, sendo toda a psicoterapia pautada pela técnica não-diretiva ⁶⁴.

Segundo Adams, já que sua corrente de aconselhamento assume a prerrogativa de ser o modelo de aconselhamento bíblico e diretivo quanto a sua técnica, ele não vê alternativa a não ser criticar Rogers e todos o que se utilizam de sua técnica não-diretiva, dizendo que a melhor figura que identifica o modelo rogeriano é a figura de um espelho, afirmando que “os seguidores de Rogers substituem a aplicação dos princípios bíblicos pela repetição das perguntas do cliente” ⁶⁵.

Assim, para Adams a neutralidade que o aconselhamento rogeriano pressupõe na sua teoria é uma atitude completamente rejeitada na Bíblia, para ele os cristãos foram chamados para julgarem uns aos outros.

Cristo sabia que os cristãos teriam a necessidade de julgar outros, e, portanto em Mateus 7. Ele os está orientando especificamente sobre como fazê-lo. [...] Julgar os outros sem endireitar a própria vida, também não é permitido. É condenado o julgamento cuja intenção é condenar a fim de exaltar o próprio ego. Mas, o julgamento de valor moral no aconselhamento é precisamente o que as Escrituras recomendam em toda parte. Não pode haver nenhuma posição moralmente neutra no aconselhamento ⁶⁶.

Adams generaliza suas afirmações. A confrontação de julgamento moral do outro é o que a Escritura diz sempre? O que dizer da passagem de João 8.1-11? Adams nem sequer responde como seu método de Aconselhamento Noutético harmoniza-se com este texto, já que Jay Adams simplesmente não inclui este trecho bíblico em seu comentário sobre o livro de João, alegando que esta passagem não consta nos manuscritos mais aceitos ⁶⁷.

⁶⁴ ADAMS, Jay. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987, p. 90.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 99.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 93.

⁶⁷ Cf. ADAMS, Jay. *The gospel of john : the letters of John and Jesus*. Woodruff: Timeless texts, 1998.

1.2 Os seguidores de Jay Adams: Aconselhamento Bíblico de John F. MacArthur Jr. e Wayne A. Mack

1.2.1 Panorama do Aconselhamento Bíblico de John F. MacArthur e Wayne A. Mack

John F. MacArthur Jr. e Wayne A. Mack são os principais autores do livro: *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*, que é utilizado nesta parte do trabalho para expor os seus conceitos básicos. Os dois autores se dividiram na elaboração do material e tiveram a ajuda de outros escritores, como Ken Sarles, David Powlison, Douglas Bookman, Dennis Swanson entre outros que também contribuíram significativamente com alguns capítulos do livro.

A idéia deste material é ser uma aplicação contemporânea da metodologia de Aconselhamento Bíblico, tendo forte influência do movimento iniciado por Adams, sendo um desdobramento atual deste aconselhamento, fazendo questão de dizer que: “dois dos colegas de longa data de Jay Adams: Bob Smith e Wayne Mack foram poderosamente usados no desenvolvimento e criação do programa”⁶⁸.

O movimento de Aconselhamento Bíblico e suas diversas correntes têm raiz nas idéias de Adams, quanto às definições de saúde mental, a utilidade da Psicologia e as suficiências das Escrituras, como se pode observar no decorrer deste capítulo.

Na época em que o livro foi escrito (1994), o Dr. John F. MacArthur Jr. era o presidente do Master's Seminary e o Dr. Wayne Mack era o professor de Aconselhamento Bíblico deste mesmo seminário. O objetivo básico do livro é que ele sirva como uma alternativa para a Psicologia secular. Fica claro, por causa dos ataques e argumentos de total oposição e rejeição à Psicologia, que os autores não pretendem apenas expor o seu modo de aconselhamento, mas combater a Psicologia e seus teóricos.

Wayne Mack, prefaciando o livro, diz que o material produzido por ambos se baseia nas seguintes convicções: 1- de que a Palavra de Deus deve ser nossa autoridade no aconselhamento; 2- de que o aconselhamento é parte integrante de um ministério de discipulado básico da igreja local; 3- de que o povo de Deus pode e deve ser treinado para aconselhar de forma eficaz⁶⁹.

⁶⁸ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 77.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 11.

O livro é introduzido trazendo à memória de seus leitores a revista *Time*, de 29 de novembro de 1993, cuja capa mostrava Sigmund Freud – em sua cabeça um quebra-cabeça tridimensional, oco e incompleto – e com os dizeres “Será que Freud está morto?”. A revista apresentava uma série de artigos sobre os conflitos da Psicanálise moderna.

Desta forma, MacArthur introduz seu livro para dizer:

Enquanto o mundo secular tem se tornado crescentemente inimigo da indústria psicoterápica profissional, o povo evangélico freneticamente procura conciliar a psicologia secular com a verdade bíblica [...] a Psicologia e o Cristianismo são antagônicos desde o princípio ⁷⁰.

MacArthur vê a Psicologia, Psicologia cristã ou Aconselhamento Cristão por seus praticantes evangélicos, como uma atividade que movimenta bilhões de dólares. Ele questiona: “contudo, será que o estado espiritual e emocional dos crentes melhorou em virtude dessa tendência? Com certeza, ninguém argumentará convictamente que isso ocorreu” ⁷¹.

Ele traz à memória Jay Adams ao dizer que:

A análise extraordinariamente precisa de Adams a respeito do estado do aconselhamento no evangelicalismo tem agora mais de 25 anos de idade, mas está ainda mais pertinente. Ele deu à Igreja um corretivo indispensável para as várias tendências que devoram a vitalidade espiritual da Igreja. Os líderes cristãos fariam muito bem em considerar sua admoestação ainda tão atual ⁷².

Percebe-se, assim, que Jay Adams, além de ter sido o precursor do movimento Aconselhamento Bíblico, é influente nos escritos dos autores desta corrente de aconselhamento.

Para MacArthur, o verdadeiro estudo da alma não pode ser praticado por não-cristãos e, por isso, não há ameaça mais séria à vida da Igreja do que a debandada pra abraçar as doutrinas da Psicologia. “Elas são um emaranhado de idéias humanas que Satanás colocou dentro da Igreja; como se fossem verdades de Deus, transformadoras de vida” ⁷³. Ainda segundo ele “não há

⁷⁰ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 15.

⁷¹ *Ibid.*, p. 17.

⁷² *Ibid.*, p. 25.

⁷³ *Ibid.*, p. 29.

como se misturar a Psicologia moderna e a Bíblia sem um sério prejuízo, ou o completo abandono do princípio da suficiência das Escrituras”⁷⁴.

Atualmente, a Igreja está completamente aberta às influências da Psicologia moderna e, como consequência, MacArthur diz que, infelizmente, os valores mais fundamentais do evangelicalismo estão sendo redefinidos. Assumindo a mesma linha de argumento de Jay Adams, ele diz que:

Saúde mental e emocional é a nova moda. Não se trata de um conceito bíblico [...] o pecado recebe o nome de doença, de modo que as pessoas acham que precisam de terapia e não de arrependimento. [...] As terapias humanas são abraçadas com avidez pelos espiritualmente fracos, aqueles que são superficiais ou ignorantes no tocante à verdade bíblica⁷⁵.

Não obstante, Ken Sarles, colaborador do livro de MacArthur, busca embasar historicamente o Aconselhamento Bíblico ligando ao movimento dos puritanos.

O puritanismo inglês surgiu por volta de 1560. Apareceu pela primeira vez como movimento de reforma litúrgica, mas rapidamente se expandiu tornando-se uma forma distinta de se ver a vida cristã. O fenômeno puritano poderia ser definido como um movimento da Igreja da Inglaterra, da metade do século XVI até o começo do século XVII que buscou reformulação na vida da Igreja e a purificação na vida dos crentes, individualmente. Era calvinista quando à Teologia e pietista em sua maneira de enxergar as coisas⁷⁶.

Os autores buscam este embasamento para o Aconselhamento Bíblico, pois o movimento dos puritanos foi, acima de tudo, um movimento bíblico.

Para o puritano, a Bíblia era, o bem mais precioso que há neste mundo. Sua profunda convicção era de que a reverência para com Deus implicava em reverência para com as Escrituras, e servir a Deus significava obedecer às Escrituras⁷⁷.

⁷⁴ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 36.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 36.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 42.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 43.

Logo, “para os puritanos ingleses, toda necessidade psicológica concebível poderia ser satisfeita e todo problema psicológico imaginável poderia ser resolvido por uma aplicação direta de verdade bíblica”⁷⁸.

Para responder à pergunta: quais são os fundamentos do Aconselhamento Bíblico, Ken Sarles se reporta a Adams para destacar os sete elementos-chave que Adams articulou e defendeu:

- 1- Deus está no centro do aconselhamento;
- 2- O compromisso com Deus traz consigo conseqüências epistemológicas;
- 3- O pecado em todas as suas dimensões constitui-se no problema primordial com o qual os conselheiros precisam lidar;
- 4- O evangelho de Jesus é a resposta;
- 5- O processo de mudança que o aconselhamento deve visar é a santificação progressiva;
- 6- As dificuldades situacionais que as pessoas enfrentam não são a causa aleatória dos problemas do viver;
- 7- O aconselhamento é uma atividade eminentemente pastoral e deve ser ministrado pela Igreja⁷⁹.

1.2.2 O Processo do Aconselhamento Bíblico

John MacArthur Jr. inicia a exposição da metodologia de seu aconselhamento numa série de sete capítulos, todos escritos por Wayne A. Mack, seu grande colaborador, que são expostos resumidamente em sete pontos, a seguir.

I - O primeiro ponto para aplicar esta metodologia de aconselhamento é pensar em como estabelecer o vínculo com os aconselhados

Wayne Mack diz: “a questão é que os conselheiros não podem ser exclusivamente norteados por problemas. Ao contrário; precisam ser norteados rumo às pessoas. O tratamento dos problemas”⁸⁰.

⁷⁸ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 44.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 80.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 204.

O vínculo se estabelece quando a pessoa sabe que o conselheiro se preocupa sinceramente com ela. O autor estabelece três tipos de vínculos que devem ser estabelecidos com o aconselhado: vínculo por meio da compaixão, do respeito e da sinceridade.

Vínculo por meio da compaixão. Para desenvolver este tipo de vínculo é necessário refletir sobre estas sugestões: pensar como você se sentiria se estivesse na posição do aconselhado; imaginar o aconselhado como alguém de sua família; considerar sua própria pecaminosidade e pensar a respeito das formas práticas de demonstrar compaixão.

Vínculo por meio do respeito. Utilizar a comunicação verbal adequada; utilizar a comunicação não-verbal adequada (atitude atenta, movimentos apropriados, postura interessada, abordagem verbal adequada, relaxamento planejado e olhar respeitoso); levar o problema do aconselhado a sério; confiar em seu aconselhado; expressar confiança no aconselhado; receber bem a contribuição do aconselhado e conservar a confidencialidade.

Vínculo por meio da sinceridade (autenticidade). Ser sincero a respeito de suas qualificações; ser sincero sobre suas próprias fraquezas; ser sincero sobre seus alvos e propósitos; ser sincero a respeito de suas limitações como conselheiro.

II - O segundo ponto básico deste aconselhamento bíblico é dar esperança ao aconselhado

Wayne Mack inicia sua exposição contrastando a verdadeira esperança com a falsa esperança⁸¹. Estas são as características da falsa esperança: se baseia em idéias humanas quanto ao que é agradável e desejável; numa negação da realidade; em pensamentos mágicos e místicos; em uma visão não bíblica da oração; em uma interpretação inadequada das Escrituras. Por outro lado, estas são as características da verdadeira esperança: bíblicamente baseada na expectativa do bem; surge da verdadeira salvação; é holística em seu enfoque; é realista; deve ser renovada diariamente; é inseparável de um estudo diligente e preciso da Palavra de Deus; é uma questão de vontade; se baseia no conhecimento.

Wayne Mack considera agora a seguinte questão: como produzir a verdadeira esperança nas pessoas que aconselhamos? Ajudar as pessoas a crescerem em seu relacionamento com

⁸¹ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 220-230.

Cristo; ensinar as pessoas a pensar biblicamente (a respeito da situação específica, do caráter de Deus, dos recursos divinos, da natureza e da causa do problema) ⁸².

III - O terceiro ponto deste aconselhamento é fazer um inventário do aconselhado, a coleta de dados

É necessário coletar dados em pelo menos seis áreas: *física* (sono, dieta, exercício, enfermidade medicação); *recursos* que o aconselhado tem e que possam lhe ajudar no processo de aconselhamento e quais recursos que faltam e poderiam atrapalhar neste processo; *emoções*; *ações*; *conceitos e dados históricos*.

A forma utilizada por este aconselhamento é aplicando um formulário de inventário de dados pessoais com perguntas estruturas e semi-estruturadas ⁸³.

IV - O quarto ponto é a interpretação dos dados obtidos.

O autor divide esta interpretação e análise dos dados obtidos em algumas questões fundamentais.

A primeira questão que o conselheiro deve perguntar a si mesmo é “qual categoria bíblica que melhor descreve a pessoa que estou aconselhando?” ⁸⁴. Dentro desta categoria cabem algumas perguntas que irão orientar o conselheiro:

- *A pessoa é salva ou não*, “porque os salvos possuem recursos que os não salvos não possuem” ⁸⁵. Por isso é necessário investigar sobre como está o relacionamento do aconselhado com Cristo, como está sua vida de oração e leitura da Bíblia.

- *Esta pessoa é espiritualmente madura ou imatura?* Maturidade espiritual é mais do que aquilo que alguém possa conhecer, é o que a pessoa coloca em prática.

O cristão maduro é capaz de discernir entre o bem e o mal porque pratica constantemente a piedade. De outro lado, o cristão imaturo é descrito como alguém a quem foram ensinadas várias verdades, mas não as tem praticado suficientemente ⁸⁶.

⁸² MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 230-239.

⁸³ *Ibid.*, p. 230.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 267

⁸⁵ *Ibid.*, p. 266

⁸⁶ *Ibid.*, p. 268

- *A pessoa é insubmissa, desanimada ou fraca?* Aqui se utiliza o texto de 1 Tessalonicenses 5.14 para corroborar sua opinião: “exortamo-vos, também, irmãos a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos”. Os insubmissos, segundo o autor, são aqueles que são teimosos e obstinados, colocando-se contra o que Deus quer que façam. Os desanimados são aqueles cujos problemas não são advindos de rebelião ou obstinação, mas de um sentimento de derrota e de falta de aspirações. O terceiro grupo, os fracos, são os fisicamente limitados e que necessitam de amparo e de grande ajuda.

A segunda questão, referente à interpretação dos dados, é: qual linguagem bíblica melhor descreve os problemas que essa pessoa está experimentando?

A Bíblia não apenas descreve várias categorias de pessoas, mas também rotula diversos tipos de comportamento. Então é necessário identificar os termos que a Bíblia utiliza para descrever cada problema que enfrentamos no aconselhamento ⁸⁷.

A terceira questão é quais perspectivas a Bíblia fornece a respeito das causas aproximadas desses problemas?

A Bíblia trata diretamente dos motivos que residem por trás do que as pessoas fazem. Quando estamos lidando com um problema específico no aconselhamento, precisamos descobrir se as Escrituras dão alguma pista sobre sua causa. Talvez haja exemplos de pessoas que estiveram em situações similares e experimentaram problemas parecidos, ou talvez referências diretas ao comportamento e suas causas ⁸⁸.

A quarta questão é o que os dados sugerem a respeito do relacionamento dos vários problemas entre si? Quais dificuldades são decorrentes do problema principal e que são apenas sintomas do que, realmente, está incomodando e angustiando o aconselhado?

A quinta questão é saber quais obstáculos à mudança bíblica existem na vida do aconselhado. É necessário descobrir se o aconselhado possui uma compreensão adequada da mudança bíblica; qual compreensão ele tem do problema; se deixou de mudar, porque não quis

⁸⁷ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 270.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 270.

ou porque não sabia como; quais recompensas ele vem recebendo por seu comportamento? Será que ele percebe o resultado de seu comportamento como sendo benéfico de alguma forma, ou outros estariam encorajando esse comportamento?

A sexta questão é o que os dados indicam a respeito das expectativas e desejos da pessoa quanto ao processo de aconselhamento? Saber o motivo que levou o aconselhado a procurar ajuda.

A sétima questão é o que os dados indicam a respeito de quaisquer possíveis fatores orgânicos ou psicológicos? Em casos orgânicos é preciso saber que estes problemas clínicos afetam negativamente seus padrões de pensamento e comportamento, “nesses casos, o conselheiro precisa trabalhar com o médico para corrigir o problema físico e deve aconselhar a pessoa a respeito da resposta bíblica à doença e ao sofrimento”⁸⁹. Os fatores psicológicos que o autor menciona são aqueles problemas que não têm origem orgânica, mas que resultam de um pensamento e comportamento errôneo. “Já aconselhei pessoas cujos problemas estavam ligados a um pecado pessoal, mas por causa da culpa gerada por esse pecado, experimentavam sintomas como dores múltiplas e até mesmo alucinações”⁹⁰.

A oitava questão é o que os dados indicam a respeito da motivação da pessoa para desejar a mudança?

A nona questão é se o conselheiro já enfrentou uma situação ou problema semelhante. Nesta questão, a experiência pode ajudar a interpretar o que está acontecendo. “Lembrar-se da forma como você se sentiu ajudará na empatia”⁹¹.

A décima e última questão é considerar se o conselheiro já atendeu, anteriormente, alguém com problemas semelhantes.

Para concluir este tópico da interpretação dos dados o autor afirma:

Interpretar os dados do aconselhado é tanto uma ciência quanto arte. É ciência no sentido que lida com fatos – fatos das Escrituras e fatos acerca do aconselhado e seu mundo – fatos que exigem muita pesquisa, investigação e análise. A interpretação também é uma arte [...] ela se torna um bom artista aprendendo as mecânicas dos procedimentos. Ela se torna um bom artista praticando o que aprendeu⁹².

⁸⁹ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 276.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 276.

⁹¹ *Ibid.*, p. 277.

⁹² *Ibid.*, p. 282.

V - O quinto ponto do aconselhamento bíblico é instruir.

Alguns crêm que se for construído um sólido relacionamento com o aconselhado, é possível descobrir suas próprias soluções e cuidar de seus próprios problemas sem a necessidade de dizer a ele o que fazer, utilizando uma técnica não-diretiva.

Mas essa abordagem ao aconselhamento não é Bíblica, pois as Escrituras deixam claro que a instrução desempenha um papel fundamental no crescimento espiritual de cada pessoa que é indispensável no processo de solução de problemas ⁹³.

Deste modo, para ajudar as pessoas a mudarem, é preciso ser hábil na instrução do Aconselhamento Bíblico.

A instrução no aconselhamento bíblico deve seguir três exigências: deve se basear na Bíblia; deve ser bíblicamente precisa; deve ser bíblicamente apropriada.

Deve se basear na Bíblia. Isso significa dizer que toda a informação que é passada ao aconselhado para ajudá-lo a mudar, deve se basear somente na Bíblia e jamais em simples idéias e conceitos humanos. Por quê? Por que a Bíblia é prática; é exaustiva (lida com todas as questões da vida que são necessárias para que ela seja entendida, tornando qualquer outra pesquisa ou teoria psicológica desnecessária); é confiável (lida com os problemas práticos da vida de maneira absolutamente confiável e segura); é adequada (não é necessário estudar teorias humanas à parte das Escrituras para que os conselheiros sejam capazes de fornecer instruções úteis aos aconselhados).

Deve ser bíblicamente precisa. Neste item, são dadas sugestões contra o mau uso das Escrituras, que visam assegurar que a instrução é precisa. Procurar saber o significado das palavras bíblicas; determinar o significado de um versículo dentro de seu contexto; interpretar cada passagem em harmonia com o restante da Bíblia; deve ser cristocêntrica e evangélica em sua ênfase; norteada pela ação; enfatizar tanto as dimensões positivas quanto negativas da mudança bíblica; fazer distinção entre diretrizes divinas e sugestões humanas.

Deve ser bíblicamente adequada. Adequado e apropriado às preocupações imediatas de nosso aconselhado considerando suas condições emocionais, maturidade espiritual e receptividade que

⁹³ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 283.

ele tem ao aconselhamento. “A Bíblia é a farmácia completamente repleta dos remédios de Deus; contém o remédio para cada problema espiritual que enfrentamos na vida”⁹⁴.

VI – O sexto ponto do Aconselhamento Bíblico é a persuasão.

Persuasão, no Aconselhamento Bíblico, é motivar o aconselhado a tomar decisões bíblicas que conduzem à mudança⁹⁵. Tal motivação abrange os seguintes processos: ajudar o aconselhado a aceitar a responsabilidade pessoal por seus desejos e motivações, pensamentos, atitudes, etc.; levar o aconselhado à percepção de que a mudança bíblica requer escolha pessoal; promover uma preocupação com relação aos pecados do coração, bem como, aos pecados comportamentais; assegurar um compromisso do aconselhado no sentido de se despojar de seus desejos, pensamentos e ações que atrapalham a mudança bíblica e substituí-los por aqueles que promovem a mudança bíblica.

Para motivar o aconselhado na direção do compromisso com a mudança, existem duas abordagens para a motivação. A primeira é antropocêntrica: “as pessoas podem ser motivadas por meio de seus pontos de controle. Podem ser manipuladas para agir de certa maneira quando crêem que sua satisfação em certas áreas é assegurada por tais ações”⁹⁶. A segunda é teocêntrica: a verdadeira mudança acontece quando as pessoas fazem suas escolhas visando glorificar a Deus.

O autor propõe o seguinte tema: lidando com a resistência ao compromisso, afirma que: “o tanto de mudança que um aconselhado experimenta é diretamente proporcional ao seu nível de compromisso”⁹⁷. Para ele, existem dois tipos de resistência: a velada (na qual consente com a mudança, mas não está disposto a mantê-la) e a evidente (em que não consente e não está disposto a realizar a mudança). Sobre a primeira, existem alguns sinais que ajudarão o conselheiro a identificar quando o aconselhado não está disposto a assumir um compromisso: cancelamentos repentinos; não execução da tarefa prática dada; distanciamento; ameaças de não retornar; intimidação (temerosos, irritadiços e retraídos quando o conselheiro trata de questões específicas); manipulação (chorar, bajular, histórias criadas apenas para se ganhar a simpatia do conselheiro).

Se o conselheiro encontrar algumas destas resistências, o autor propõe que ela seja mostrada e uma explicação solicitada à luz dos compromissos verbais que assumiu ou dos desejos

⁹⁴ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004. p. 297.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 302.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 34.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 310.

de mudança que expressou. Para vencer a resistência é necessário compreender porque ela existe. O autor lista, então, algumas possíveis causas da resistência:

1- Coração não regenerado: para persuadir pessoas não regeneradas a fim de que assumam um compromisso, o conselheiro deve se tornar um evangelista, porque essas pessoas precisam se comprometer antes com o Senhorio de Cristo;

2- Fracasso reiterado: fracassos que se repetem levam ao desânimo. A chave para vencer o desânimo é a esperança bíblica. O conselheiro deve encorajar a pessoa no sentido de que o aconselhamento bíblico tem mais a oferecer que um conselho de outra fonte;

3- Temor: muitas vezes o aconselhado é resistente a mudança porque tem medo de que a situação que o levou ao seu problema, ocorra novamente.

4- Orgulho: dificuldade em pedir perdão para aqueles contra quem pecou e contra aqueles que pecaram contra ele.

5- Ignorância: idéias não-bíblicas sobre a vida.

6- Incredulidade: pessoas que duvidam da suficiência e do poder da Palavra de Deus para efetuar mudanças na sua vida.

7- Amargura: amargura e ressentimentos em relação a alguém que se torna prejudicial ao desenvolvimento de sua vida.

8- Compromissos inadequados: quando se compromete com padrões pecaminosos ou buscas carnis e não está disposto a romper com estes compromissos.

O autor diz que, se mesmo assim, depois que tiver feito tudo em relação a persuadir o aconselhado, ele ainda continuar com seu comportamento pecaminoso e a mudança não se efetivar, ele deve ser disciplinado pela igreja. “O alvo da disciplina não é a punição, mas promover restauração e reconciliação”⁹⁸.

1.2.3 Perguntas freqüentes a respeito do Aconselhamento Bíblico – Psicologia e Doença Mental

⁹⁸ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 316.

O capítulo da obra que está sendo utilizada, foi compilado e editado por Dennis M. Swanson, membro da equipe de John MacArthur Jr. e Wayne Mack. As respostas foram preparadas por diferentes membros do corpo docente do *The Master's College* e *Grace Community Church*, onde John MacArthur Jr. é, respectivamente, o presidente e pastor professor.

Nesta parte do trabalho, são expostas as principais questões referentes ao tema proposto pela pesquisa e um resumo do posicionamento adotado pelo referido grupo em cada resposta ⁹⁹. Não obstante, as questões serão discutidas num capítulo posterior.

1- Existe alguma diferença entre o Aconselhamento Bíblico e a Psicologia Cristã ou Aconselhamento Cristão?

À primeira vista, parece que o conselheiro bíblico e o psicoterapeuta cristão fazem a mesma coisa. Mas, para entender como a psicoterapia “cristianizada” se diferencia do Aconselhamento Bíblico, é necessário analisar mais detalhadamente quais práticas cada um deles possui e quais ensinamentos cada um deles ministra. Estas são as questões que os diferenciam:

A perspectiva da Bíblia e sua contribuição para o aconselhamento. A maioria dos psicólogos cristãos enxerga a Bíblia como um recurso de inspiração, mas seu sistema básico de aconselhamento, tanto as teorias quanto os métodos, são transferidos, sem alteração, da psicologia secular. Em sua maioria, eles são intencional e declaradamente ecléticos, escolhendo e apanhando teorias e técnicas de acordo com preferências pessoais.

Perspectiva de Deus. Existem vários aspectos da pessoa de Deus que os psicólogos cristãos ignoram rotineiramente. Em especial, a soberania, santidade, justiça, bondade, autoridade e poder reais, são raramente mencionados.

Perspectiva da natureza e motivação humanas. Quase todo psicólogo esboça alguma variante da teoria da necessidade. Necessidades de auto-estima, amor, aceitação e significado. Se elas forem satisfeitas, crê-se que a pessoa ficará feliz, será gentil e se portará moralmente bem; caso contrário, as pessoas estarão arrasadas, serão odiosas e imorais. Os psicólogos cristãos extraem sua teoria de motivação da psicologia humanista. As Escrituras se opõem claramente a tais teorias de necessidades porque ensinam que a motivação humana pecaminosa arraiga-se em vários desejos e cobiças (Gálatas 5.16-24; Efésios 2.3; Tiago 1.14-16, 2.13-4.12). As Escrituras ensinam

⁹⁹ MACARTHUR, John F. & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 405-430.

que Deus muda os desejos e que a motivação correta está apoiada, ou, metaforicamente, enraizada no anseio por Deus e por uma vida piedosa.

Perspectiva do Evangelho. Para a maioria dos psicólogos cristãos, Jesus Cristo é aquele que satisfaz as necessidades psíquicas interiores e aquele que cura feridas psíquicas. O amor de Deus, demonstrado por Jesus Cristo na cruz, simplesmente retrata quão valiosa uma pessoa é para Ele, para que sua auto-estima cresça e para satisfazer sua necessidade de ser amado. Mas, na Bíblia, Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus, crucificado no lugar dos pecadores. O amor de Deus, na realidade, derruba a auto-estima e a cobiça pela auto-estima.

Perspectiva do Aconselhamento. Os psicólogos cristãos têm a tendência de enxergar o aconselhamento da mesma forma que psicólogos seculares fazem: uma atividade profissional sem qualquer conexão necessária com a Igreja de Jesus Cristo. Um cliente com uma necessidade consciente contrata um profissional para ajudá-lo a alcançar alvos de ajuste pessoal, felicidade emocional, estabilidade, auto-satisfação. Conselheiros bíblicos enxergam o aconselhamento bíblico como uma atividade pastoral, visando à santificação progressiva, totalmente conectado à Igreja de Cristo.

2- Será que as disciplinas seculares não têm nada a oferecer à metodologia do aconselhamento bíblico?

A resposta para esta pergunta é “não”. Uma metodologia de aconselhamento é um sistema de compromissos, princípios, alvos e métodos teóricos adequados e não uma coleção de porções aleatórias e ecléticas de observação ou técnica. As Escrituras fornecem o sistema para o Aconselhamento Bíblico. Outras disciplinas podem ser úteis numa variedade de formas secundárias para o pastor e para o conselheiro, mas essas disciplinas jamais poderão fornecer um sistema de compreensão e aconselhamento às pessoas. A mentalidade do secularismo é como um serrote poderoso que se desvia do ângulo certo em seu cortar. Os articuladores seculares têm uma perspectiva distorcida e um olhar apressado que só pode ser útil para o conselheiro bíblico quando foi radicalmente reinterpretada de acordo com a metodologia de aconselhamento revelada nas Escrituras. Essas disciplinas seculares não devem exercer *qualquer* função neste modelo de aconselhamento.

- 3- Já que a Bíblia não é um livro-texto de Psicologia, será que não é necessário suplementá-la com outras disciplinas para entender e ajudar as pessoas com suas profundas necessidades psicológicas?

As disciplinas científicas têm mostrado verdades que vão além das verdades da Bíblia e todos têm se beneficiado deste conhecimento, como por exemplo, a Medicina. Certamente, as Escrituras não alegam ser um livro-texto completo a respeito da medicina, ou física, ou de qualquer uma das ciências. Mas a Psicologia difere-se dessas ciências em suas questões importantes. Em primeiro lugar, a Psicologia não é uma ciência verdadeira. Ela não lida com dados objetivos e mensuráveis que podem ser entregues para testes confiáveis e confirmados pelo método científico, ela é uma pseudociência e suas doutrinas são meras especulações. Em segundo, a Psicologia difere de outras ciências porque trata de questões espirituais. A palavra *Psicologia* significa “estudo da alma”. Mas, o que são as necessidades psicológicas profundas senão as questões espirituais das quais o evangelho se ocupa? As Escrituras certamente reivindicam absoluta suficiência quando tratam dessas questões, como está escrito em 2 Timóteo 3.16-17. Todas as chamadas necessidades psicológicas que não são atribuíveis a causas físicas, são, na realidade, problemas espirituais. Procurar acrescentar teoria psicológica ao testemunho infalível da Palavra de Deus é adulterar a verdade de Deus com opinião humana.

- 4- Por que os conselheiros bíblicos se recusam a usar informações provenientes da ciência e da Psicologia?

Primeiramente, o conselheiro bíblico está primordialmente preocupado com o problema do pecado e de como as pessoas podem mudar e crescer (santificação) para a glória de Deus. A ciência (em geral) não se preocupa com o problema do pecado ou com Deus, então, não existe motivo para que o conselheiro bíblico utilize a ciência com o propósito da santificação do homem, visando glorificar a Deus. Psicologia não é ciência em si. É um estudo do comportamento humano e não a ciência do comportamento humano. O comportamento não pode ser cientificamente estudado, num tubo de ensaio. Mesmo se isso fosse possível, nenhum psicólogo poderia fornecer as interpretações ou soluções adequadas dos problemas, sem a Palavra de Deus revelada e suas aplicações diretas ao coração humano. O conselheiro bíblico não se opõe à Psicologia ou aos psicólogos, mas às soluções não bíblicas que procura dar aos problemas de pecado das pessoas. Qualquer tentativa de fornecer soluções que não

sejam a exegese bíblica, teologia e a aplicação do fruto de tal estudo ao coração, resultará em aconselhamento falho, quer feito por psicólogos, quer por pastores.

5- O que o Aconselhamento Bíblico pode oferecer para os não-cristãos que vêm se aconselhar?

O Aconselhamento Bíblico reconhece que crentes e não crentes não podem ser aconselhados da mesma forma. Não se pode usar as Escrituras para aconselhar um não cristão que não está sujeito à sua autoridade. Portanto, para que uma pessoa mude, ela precisa ter submetido sua vontade à vontade de Deus. A única mudança que pode ocorrer em um não crente é superficial e jamais transformará seu coração. E isso é precisamente do que o Aconselhamento Bíblico trata – transformar o coração para responder adequadamente a Deus.

O que o Aconselhamento Bíblico pode oferecer ao não regenerado? Pode-se comunicar a verdade de que nenhuma mudança significativa acontecerá sem que a pessoa aceite, ou “abraçe”, Jesus Cristo como Salvador e Senhor, é a partir disso que a verdadeira mudança precisa começar. O conselheiro pode oferecer o evangelho, a resposta à mais profunda necessidade humana. Essa é a base de qualquer aconselhamento com o não cristão. Se a pessoa negar reconhecer uma necessidade pela obra salvífica de Cristo, não existe outra forma de se ajudar essa pessoa.

6- O Aconselhamento Bíblico nega a existência da doença mental ou emocional e a cura que se faz necessária nessas áreas?

O conceito de doença mental é uma teoria baseada em um modelo médico de doença. No modelo médico, uma doença orgânica é a causa de vários sintomas no corpo, porque algo externo o abalou. Essa mesma lógica é usada quando se lida com um comportamento que é difícil de explicar. Quando uma pessoa tem um comportamento bizarro e, por meio de exame de laboratórios, nenhuma causa orgânica que justifique seu comportamento é encontrada, os não cristãos criaram a teoria de que a pessoa está mentalmente enferma. Assim como o corpo fica doente, a mente fica doente. E já que a mente está doente, a pessoa não pode controlar seu corpo e, portanto, não é responsável por suas ações. A dificuldade desta teoria é que não pode ser comprovada. Existem testes que mensuram o pensamento, mas esses não comprovam que a mente está doente. Mesmo que a mente use o cérebro, ela não é o cérebro. Tumores, doenças severas e outros, podem danificar parte do cérebro e afetar os sentimentos

e as ações da pessoa, mas essas coisas não são doenças mentais, são doenças orgânicas que podem ser comprovadas em laboratórios. Há danos cerebrais e não mentais. Se a doença tiver base orgânica, o termo doença mental deve ser substituído pelo nome da doença física existente no corpo.

O fato de a psiquiatria melhorar comportamentos com medicamentos, não torna verdadeira a teoria da doença mental. Essa lógica não é científica. Dois eventos simultâneos não significam automaticamente que um foi causado pelo outro. O medicamento pode ter aliviado um sintoma apenas.

O conselheiro bíblico é acusado de negar a realidade. Entretanto, quem disse que essa é a realidade? O fato de as pessoas aceitarem a doença mental, não faz com que ela seja efetivamente real. Essa é a mesma lógica que diz que os crentes rejeitam a existência de Papai Noel ou do coelho da Páscoa. Muitas pessoas crêem que eles existem, mas isto os torna reais? Já que a doença mental é uma teoria e não um fato, o conselheiro bíblico não nega a existência de algo cientificamente comprovado.

A definição de doença mental ignora completamente o que a Bíblia ensina. Quando as pessoas vivem com base em seus sentimentos, seu comportamento é influenciado. Tentativas frustradas são feitas para melhorar os sentimentos e, conseqüentemente, melhorar o comportamento, pois novas dificuldades aparecerão. O problema não decorre dos sentimentos ou emoções, mas do pensamento e das ações. Quando a Bíblia não é usada para tratar problemas, pensamento e sentimentos, o resultado será a existência de pensamentos e ações confusas. As emoções não precisam ser curadas, já que não estão doentes; são simplesmente o resultado natural do pensamento não bíblico. Aqueles que rotulam o comportamento com doença são cruéis, porque removem a esperança e vitória disponíveis por meio da aplicação de princípios bíblicos. Quando o modelo médico demonstra que a pessoa está doente, será que isso pode garantir que uma cura é possível? Como a cura pode ser definida? Na realidade, já que não existe doença mental, oferecer cura é encorajar uma esperança fraudulenta e fútil.

Na questão seguinte, a forma original de tratamento, com o uso das palavras “eu” e “você”, utilizada pelos autores MACARTHUR e MACK (2004), foi mantida intencionalmente.

7- Você encaminha pessoas para psicólogos ou psiquiatras?

Jamais faço tal encaminhamento para aconselhamento a menos que a pessoa que possui esse título esteja comprometida com o aconselhamento bíblico – como tal, o título profissional é apenas accidental. Muitos estudaram teorias e métodos de aconselhamento seculares que acabaram sendo rejeitados em favor da teoria e da prática bíblica. Teria eu outro motivo para encaminhar pessoas a um psiquiatra ou psicólogo? O treinamento de um médico psiquiatra poderia ajudar em determinar se problemas neurológicos ou outros problemas contribuem para os problemas da pessoa na vida e um psicólogo pode ajudar por meio do testar da inteligência. Mas, infelizmente, os psiquiatras e os psicólogos, na maioria das vezes, assumem o papel de psicoterapeuta. Eles invadem o reino de Espírito, da Palavra, e do ministério porque aconselham pessoas de forma não bíblica.

Os psicoterapeutas são professores da natureza humana, seus problemas e soluções. Eles têm adquirido três tipos de autoridade: interpretações do ser humano e seus problemas; o trabalho direto com as pessoas que estão passando pelos problemas; e o direito de tentar resolver os problemas das pessoas.

O dilema é o seguinte: as interpretações que os psicólogos cristãos fazem das pessoas estão sistematicamente distorcidas pelo erro. O que eles ensinam? Por mais diversificados que possam ser quanto so detalhes, os psicólogos cristãos estão unidos em ensinar que o problema fundamental da humanidade origina-se em: alguma carência, algum vazio, uma necessidade não satisfeita, feridas ou traumas (por exemplo, baixa auto-estima, anelo profundo por relacionamento, fome de amor, busca por significado e sentido). Em contraste com isso, a Bíblia ensina que o problema fundamental é originado nas intenções, nos desejos e pensamentos ativos do coração.

1.3 Conclusão: O Aconselhamento Bíblico

Após analisar os dois modos de aconselhamento bíblico, um proposto por Jay Adams, na década de 70, e o outro por John MacArthur Jr. e Wayne Mack, na década de 90, observa-se grandes semelhanças nos dois autores e constante citação a Jay Adams como precursor desta metodologia de aconselhamento.

Conclui-se que ambos tratam das questões fundamentais do aconselhamento bíblico da mesma maneira, demonstrando ter o mesmo ponto de vista em relação à ciência de um modo geral, principalmente à Psicologia, bem como sua utilidade e proveito para os cristãos e o aconselhamento bíblico; as definições de doença mental; a evangelização como parte indispensável no aconselhamento dirigido a não crentes; a crítica generalizada à psicologia a partir das críticas feitas a Freud; mesmo destaque na utilização da Bíblia dentro do aconselhamento; o papel da instrução e da confrontação.

No capítulo posterior, estas questões são analisadas e debatidas à luz de Jung e de outros autores cristãos, que fazem um contraponto com o aconselhamento bíblico, demonstrando outro tipo de posicionamento de cristãos em relação à psicologia.

CAPÍTULO 2 – A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG

2.1 Suas Origens Familiares e Religiosas

Carl Gustav Jung foi um dos grandes pensadores da humanidade. Criador da Psicologia Analítica, nasceu em 26 de julho de 1875 (Suíça) e faleceu no dia 6 de junho de 1961. No dia 10 de dezembro de 1900, ocupou o lugar de assistente de Eugen Bleuler, no Hospital de Brugholzli, onde deu início à sua carreira científica. Embora não tenha sido seu mestre de imediato, Freud o influenciou fortemente em diversas questões, tais como o inconsciente e também a análise dos sonhos, ambas mais aprofundadas por Jung.

Carl Jung cresceu em um ambiente caracterizado pelo protestantismo. O contingente de teólogos na sua família era consideravelmente grande, nove ao todo. Dois da família de seu pai e seis da família de sua mãe. O avô materno de Jung, Samuel Preiswerk (1799-1971) foi pastor e presidente do Conselho de Pastores da Igreja Reformada Suíça. Seu pai, Johann Paul Achilles Jung (1842-1896) foi pastor da Igreja Luterana em Kesswill (Suíça), onde Jung nasceu. Johann Jung era também um promissor professor de línguas orientais e clássicas como: o grego, latim, hebraico e árabe. Seus conhecimentos em línguas clássicas vieram aproximá-lo do Rev. Samuel Preiswerk, que mais tarde se tornou seu sogro.

Jung teve sua espiritualidade despertada e fortalecida a partir da proximidade e influência de sua mãe, mantendo, contudo, um espírito fortemente crítico em relação à religiosidade de seu pai. A imagem que tinha de seu genitor era a de um homem fraco e sofredor “aflito pelo sofrimento cristão”¹⁰⁰. Johann Jung não confrontava sua experiência e situação religiosa:

As palavras do Apóstolo Paulo em Gálatas 2.20: ‘E se vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim’ jamais penetraram no seu espírito, no seu significado total, pois, em matéria religiosa, tinha horror a todo pensamento. Queria contentar-se com a fé, mas esta lhe era infiel¹⁰¹.

Toda a vida de seu pai foi fortemente marcada pela depressão e hipocondria, para Jung, ele era irascível, impotente em dominar sua irritação caprichosa, sempre de mau humor e

¹⁰⁰ JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 189.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 189.

insatisfeito. Ao contrário de sua mãe que, segundo Jung, era “mais forte” e exemplo de perseverança¹⁰².

De acordo com Jung, o que atormentava seu pai tinha origem em suas convicções religiosas, que apesar de entristecê-lo, não admitia dúvidas em relação à sua própria fé. Para ele, seu pai, em vez de discutir com sua família, por causa das inúmeras dificuldades que enfrentava no relacionamento com sua esposa ou consigo mesmo; deveria discutir com o próprio Deus, que lhe responderia ou acalmaria seu coração. Mas mesmo diante das deficiências e erros de seu pai, ele era um homem “digno de ser amado”¹⁰³.

Entretanto, na experiência religiosa, Jung se sentia muito diferente de seu pai. Quando ouvia seus sermões, o autor tinha profundas dúvidas sobre tudo o que ele dizia e pensava em relação à sua experiência enquanto discursava. Suas palavras soavam como vazias, como se viessem de alguém que não as cria. Jung, por inúmeras vezes, tentou ajudar seu pai, conversando com ele sobre a importância de se considerar os simbolismos de Cristo e sua graça maravilhosamente eficaz que seu progenitor havia perdido em meio às influências que o Iluminismo tinha trazido à fé cristã. Desfavoravelmente, as discussões entre os dois nunca chegavam a uma solução satisfatória.

Johann Jung sempre dizia a ele: “pois bem, você só quer pensar. Mas não é isso que importa; o importante é crer”¹⁰⁴. Para Jung, a Teologia os tornara como que estranhos um para com o outro e seu pai não tinha paciência e se recusava a debater Teologia, porque tinha dúvidas profundas e dilacerantes que o obrigavam a pensar, pois esperava alcançar a fé mediante esforço pessoal e não pela graça de Deus¹⁰⁵.

Seu pai, apesar de ser um homem honesto, trabalhador e dedicado à família, foi incapaz de corresponder ao que Jung mais queria dele: a transcendência no cotidiano. Seu pai reduzia a transcendência da vivência religiosa aos textos bíblicos e às explicações tradicionais da Igreja ou às coisas misteriosas que o ser humano não tem capacidade de saber. Logo cedo, a vocação para vivência dessa transcendência permitiu a Jung perceber que a religião formal do pai, que asfixiava suas emoções, não era resultado de experiência pessoal, mas de algo pronto e formal, vindo da Igreja.

Jung afirma:

¹⁰² JUNG, C.G *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988p. 36

¹⁰³ *Ibid.*, p. 78.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 90.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 74.

Eu nunca inventei uma idéia de Deus. Minha convicção não provinha das explicações que me davam se bem que no fundo não podiam acreditar no que me diziam. Para mim Deus era uma experiência imediata e das mais convincentes. [...] Não me convencia de que a semelhança com Deus se referisse apenas ao homem. As altas montanhas, os rios, os lagos, as belas árvores, as flores e os animais pareciam traduzir muito melhor a essência divina do que os homens com seus trajes ridículos, sua vulgaridade, estupidez e vaidade, sua dissimulação e seu insuportável amor-próprio. Conhecia muito bem todos esses defeitos através de mim mesmo ¹⁰⁶.

O apelo de Jung era para que, ainda que por um momento, os olhares religiosos fossem “desviados de todo o racionalismo europeu” ¹⁰⁷ em direção a uma “reflexão que leva à intensidade de vida” ¹⁰⁸.

Já a mãe de Jung, Emile Preiswerk (1848-1923), o influenciou forte e positivamente em sua experiência religiosa cristã. Ela ensinou a ele a sua primeira oração, que repetia todas as noites, que “dava certo sentimento de conforto diante das inseguranças e ambigüidades da noite” ¹⁰⁹. O introduziu também ao livro *Orbis Pictus – Imagem do Universo de Johann Comenius*, esse era um antigo livro para criança no qual havia a descrição de religiões exóticas, particularmente as da Índia. Talvez deste livro tenha surgido algumas das idéias que desenvolveu mais tarde em relação às religiões e à experiência com o Numinoso. Com sua mãe, Jung tinha uma conversa muito mais franca e aberta, até mesmo sobre suas experiências religiosas, Contudo, este relacionamento era prejudicado com o fato dela admirá-lo de tal forma, que chegou a confessar algumas coisas como se ele fosse um adulto, embora ainda fosse criança.

Jung não nega sua origem religiosa em nenhum instante e parece que faz questão de afirmar sua formação religiosa.

Sou protestante, e não nego minha crença, defendo minhas convicções, mas sei que vão além daquilo que considero meu saber; estou convencido daquilo que sei. Quanto ao resto, há um sem-número de coisas que deixo entregue ao desconhecido. Essas coisas não me afligem. ¹¹⁰

¹⁰⁶ JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 65, 51 e 52.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 223.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 215.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 23.

¹¹⁰ *Id. Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1990, par. 78 e 79.

Então, Jung assumia, sem constrangimento, estar “convencido” do que sabia a respeito de sua fé protestante, mas não buscava o proselitismo. Ele diz:

Devo esclarecer que na medida do possível não prego a minha crença, e sem entrar no mérito da questão acadêmica [...] de averiguar se a forma de defesa constitui ou não uma verdade última ¹¹¹.

Para ele, “qualquer teoria científica, por mais útil que seja, tem em si mesma, menos valor do que o dogma religioso” ¹¹², isso pelo fato do dogma religioso vir da forma especial de conhecimento (gnose), a revelação de Deus aos homens. Quando Jung se refere à *gnose*, ela não deve se “confundir com o gnosticismo” ¹¹³, considerado movimento herético pela Igreja Cristã Católica ou Protestante. Isso porque o gnosticismo tende ao docetismo, que minimiza a figura histórica e humana de Jesus Cristo e nega a realidade de sua morte na cruz, acentuando, equivocadamente, o caráter apenas divino de Cristo.

Jung diz que:

Dogmas não são idéias inventadas, nasceram quando a humanidade ainda não havia aprendido a utilizar o espírito como atividade orientada para fins determinados. Os homens não pensavam, e sim recebiam sua própria função espiritual. O dogma é como um sonho que reflete a atividade espontânea e autônoma da psique objetiva, isto é, do inconsciente. O dogma como expressão do inconsciente constitui um expediente defensivo contra novas experiências imediatas e é muito mais eficaz do que uma teoria científica, pois esta, tem de subestimar forçosamente os valores emotivos da experiência. Uma teoria científica logo é superada por outra, ao passo que o dogma perdura. O Homem-Deus sofredor deve ter pelo menos cinco mil anos de existência, e a Trindade talvez seja ainda mais antiga ¹¹⁴.

Segundo o autor, dogma era uma expressão da alma e a teoria científica uma expressão da consciência. A fé para ele era uma questão de experiência.

É indiferente o que pensa o mundo sobre a experiência religiosa: aquele que a tem, possui, qual inestimável tesouro, algo que se converteu para ele uma fonte de vida, de sentido e de beleza, conferindo um novo brilho ao mundo e à

¹¹¹ Id. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1990, par. 79.

¹¹² Ibid., par. 81.

¹¹³ Ibid., par. 127.

¹¹⁴ Ibid., par. 81.

humanidade. Ele tem pistis e paz. Qual o critério válido para dizer que tal vida não é legítima, que tal experiência não é válida sendo essa pistis mera ilusão? ¹¹⁵

Como afirmado por ele, a plenitude da vida está em se voltar para o “caráter divino das Escrituras Sagradas” ¹¹⁶. Para isso, menciona: “devo deixar que fale minha subjetividade emocional, dizendo aquilo que sinto quando leio determinados livros da Sagrada Escritura ou me recordo de certas impressões que recebi dos ensinamentos de nossa fé” ¹¹⁷.

Além disso, ainda utilizando suas palavras:

Deus é um agente de cura, é um médico que cura os doentes dos problemas do espírito; faz exatamente o que chamamos de psicoterapia. Não estou fazendo um jogo de palavras ao chamar a religião de sistema psicoterapêutico. É o sistema mais elaborado, por trás do qual se esconde uma grande verdade prática ¹¹⁸.

Jung também fala sobre a responsabilidade do homem de buscar o viver ético.

Quem não sente a responsabilidade ética que seus conhecimentos comportam, sucumbirá ao princípio de poder. Disso poderão resultar efeitos destruidores não só para os outros como também para a própria pessoa que sabe ¹¹⁹.

Para ele, deve-se encaminhar, eticamente, as fraquezas pessoais, para a efetividade do fenômeno religioso, como o encontro com o Deus transformador que objetiva a plenitude de vida.

Pode-se concluir esta primeira parte sobre a formação religiosa da vida de Jung, com uma de suas palavras que resume sua crítica à religiosidade da época em que viveu.

Quanto maior for o predomínio da razão crítica, tanto mais nossa vida empobrecerá; e quanto mais formos aptos a tornar consciente o que é mito, tanto maior será a quantidade de vida que integraremos. A superestima da razão tem algo em comum com o poder de estado absoluto: sob seu domínio o

¹¹⁵ JUNG, C.G. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1990, par. 167.

¹¹⁶ *Ibid.* par. 34.

¹¹⁷ *Id. Reposta a Jó*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1998, par. 559.

¹¹⁸ *Id. Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 1989, par. 370.

¹¹⁹ *Id. Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 171.

indivíduo perece. O inconsciente nos dá uma oportunidade [...] capaz de comunicar-nos aquilo que, pela lógica, não podemos saber ¹²⁰.

2.2 Conceitos Básicos da Psicologia Analítica de Jung

Os termos cunhados por Jung estão presentes na linguagem cotidiana, como: extrovertido, introvertido, arquétipo, *persona* e sombra. Porém, o que Jung realmente queria transmitir, raramente é entendido pela maioria das pessoas que os utiliza. Deste modo, são apresentados, abaixo, os conceitos mais básicos da psicologia desenvolvida por Carl G. Jung.

Todavia, faz-se necessário expor os conceitos mais básicos de sua Psicologia. Os principais termos utilizados pelo autor podem ser definidos da seguinte forma ¹²¹:

Ego: o aspecto consciente da personalidade.

Inconsciente Pessoal: o reservatório de material que já foi consciente, mas foi esquecido ou reprimido.

Complexo: um centro ou padrão de emoções, lembranças, percepções e desejos no inconsciente pessoal organizado em torno de um tema comum, como poder ou status.

Inconsciente Coletivo: o nível mais profundo da psique, que contém o acúmulo de experiências herdadas de espécies humanas e pré-humanas.

Arquétipos: imagens de experiências contidas no inconsciente coletivo. São elas: *persona*, *anima* e *animus*, sombra, *self*.

Individuação: estado de saúde psicológica resultante da integração de todas as facetas conscientes e inconscientes da personalidade.

2.2.1 A Psique Objetiva

¹²⁰ JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 262

¹²¹ SCHULTZ, D.P. & SCHULTZ, S.E. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Thomson, 2006, p. 91-101.

“Jung sugeriu o termo ‘psique objetiva’ para aquela totalidade da psique que gera conceitos e símbolos imagéticos autônomos”¹²². O termo psique objetiva substitui e amplia o conceito de inconsciente coletivo, originalmente utilizado por Jung para denotar uma dimensão da psique inconsciente, que é de um caráter humano geral, em vez de ser simplesmente o material pessoal reprimido. A psique objetiva é o inconsciente pessoal, que é uma pequena parte de um todo.

A psique objetiva é produtora de imagens, manifestadas em emoções e impulsos. Todas estas expressões de energia psíquica são chamadas por Jung de *libido* – termo usado por Freud apenas para falar sobre o impulso sexual.

O que Jung chama de psique objetiva pode então ser comparado a um estrato energético abrangente do qual surgem atividades de campo de força variáveis, que o observador experiente percebe através das padronizações de configurações de imagem, emoção e impulso. Jung chamou essas expressões do campo psíquico de complexos e arquétipos da psique objetiva¹²³.

A psique objetiva funciona independente das intenções do ego; na realidade o ego é gradualmente formado pela psique objetiva como seu ponto focal. Por outro lado, a psique objetiva e o ego estão num relacionamento dinâmico. O ego consciente deve esforçar-se para se relacionar com o inconsciente, seu ponto de origem, mas esse relacionamento requer um esforço, pois parece que o inconsciente coloca no caminho todos os obstáculos possíveis desse mesmo relacionamento no qual ele insiste de modo ostensivo.

“O nosso consciente não se cria – ele jorra das profundezas desconhecidas. Na infância, ele desperta gradualmente e, ao longo da vida, acorda toda manhã das profundezas do sono, saindo de uma condição inconsciente”¹²⁴. A psique objetiva não é simplesmente a fossa do material consciente rejeitado, mas também fonte cristalina de desenvolvimento e crescimento futuro.

O conceito de Jung da objetividade da psique atribui existência real a ela como um fato autônomo e independente, anterior ao consciente e independente dele, sendo que um aspecto particular dela é representado pela consciência do ego.

¹²² WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2008. p.38

¹²³ *Ibid.*, p.39

¹²⁴ *Ibid.*, p.46

2.2.2 A Abordagem Inconsciente – Os Sonhos

Os sonhos são o grande acesso ao conteúdo inconsciente, pois não censuram ou distorcem. Eles são revelados na linguagem simbólica arcaica da psique objetiva. “Falam” a sério e exprimem, em termos simbólicos, o lado desconhecido da situação da vida, da maneira que é apreendida e espelhada pelo inconsciente. Os sonhos não são sintomáticos, mas simbólicos. “Eles são simbólicos visto que a psique objetiva não conceitualiza; ela não fala inglês, francês ou português; ela fala *imagens* que são as suas formas de expressão e percepção”¹²⁵.

Essas imagens devem ser consideradas *como se* apresentassem descrições da própria pessoa, como sendo situações inconscientes, na forma de analogias ou parábolas.

Como é feita a tradução de um sonho para Jung? A tradução é feita colocando as associações e amplificações da pessoa que sonha no contexto das imagens. *Associações* são os conteúdos que por acaso vêm à mente quando a imagem de sonho é considerada, sejam elas racionais ou irracionais. Por exemplo, se um indivíduo sonha com uma caneta, poderá se irritar, com alguma coisa ou alguém, sempre que perceber a presença deste objeto. *Amplificação* é uma descrição mais racional daquilo que a imagem onírica significa para o indivíduo. O que o objeto com o qual se sonha significa para a pessoa? A caneta, por exemplo, pode significar um instrumento para escrever.

Um sonho representa a situação do paciente como ela é, externa ou internamente, ou ambos, e compensa unilateralidade do ponto de vista consciente, isto é, ela se refere a uma mensagem que a pessoa que sonha desconhece mas que é potencialmente vital e necessita ser conhecida.

2.2.3 O Complexo

A palavra *complexo* denota o elemento estrutural básico da psique objetiva, sendo que o elemento central do complexo é o *arquétipo*. *Complexo* é um conjunto autônomo de impulsos

¹²⁵ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 35.

agrupados em torno de certos tipos de idéias e emoções carregadas de energia; é expresso em *identidade, compulsão e primitividade, inflação e projeção*, enquanto ele se mantiver inconsciente ¹²⁶.

Um estado de identidade é uma ausência de diferenciação. Em tal estado, o indivíduo não consegue se separar dos elementos impulsionadores, visto que não lhe é uma escolha consciente entre as motivações do ego e os elementos impulsionadores. Por exemplo, há a tendência de se fazerem coisas que causam o arrependimento posterior – mesmo que, no momento, se saiba que não se deve realizar determinado ato – toda vez que uma área sensível, mais especificamente, um complexo é despertado. Geralmente se pergunta: “o que deu em nós?” e não se leva em consideração o pensamento de que, na realidade, uma “outra personalidade” separada assumiu o controle.

Quando o ser humano é idêntico a um impulso, não há diferença entre sua capacidade de reação consciente e o impulso. Normalmente, encontram-se mil razões que justificam por que tinha que ser daquele jeito e não poderia ser de modo diferente. Como identidade significa que o ego é idêntico ao impulso, a identidade também significa total desconhecimento da existência do impulso como algo separado da capacidade de raciocínio. As pessoas percebem o resultado depois do acontecimento.

A possibilidade de escolha e relacionamento depende fundamentalmente da saída desse estado de identidade. “A separação do estado original de identidade é fundamental para qualquer desenvolvimento psicológico e para a diferenciação pessoal” ¹²⁷.

Ao serem idênticas a um impulso, as pessoas nunca questionam os motivos pelos quais estão se movendo ou qual objetivo se pretende alcançar: há apenas uma resposta automática ao impulso. No estado de compulsão, existe a sensação de que todos estão sendo levados por uma força de energia tremenda, assim como um automóvel que, à velocidade de 150 km por hora, dá a sensação de que estamos indo rápido demais. Essa sensação de que “estou correndo de verdade e estou bem”, chama-se *inflação*.

“A inflação descreve então um sentimento de poder no qual somos infamados por uma força desconhecida que não é nossa, nem do nosso julgamento e escolha. Entretanto, é como se fosse, e nós a reivindicamos como nossa” ¹²⁸. Nesse estado de identidade inflacionado e compulsivo, os indivíduos e o impulso agem de modo mais nocivo; o impulso desdobra-se e as

¹²⁶ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 53.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 53.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 54.

peças exteriorizam o seu lado extremo, inadequado e destrutivo. No processo, todos saem perdendo, juntamente com as outras pessoas envolvidas.

De início, o impulso ou complexo sempre se revela no estágio primitivo, como se viesse de outra pessoa, porque tudo aquilo com que nos identificamos é projetado. Na projeção, o complexo chega ao inconsciente. O inconsciente é projetado, quando, por exemplo, algo aborrece o indivíduo numa determinada pessoa. “A projeção é sempre a visualização de um complexo”¹²⁹. Exemplo: quando alguém realmente irrita uma pessoa, esta verbaliza o que a irrita na outra pessoa. Ao dizer: “ele é um autoritário irredutível!”, sugere-se, então, substituir o “ele é” pela expressão “eu sou”, e surgirá, assim, a descrição do seu complexo em funcionamento.

Entretanto, os complexos não são necessariamente apenas negativos; eles causam atração assim como repulsão. Todos estão envolvidos numa projeção positiva quando aquilo que irrita, ao mesmo tempo, atrai, fascina e desperta a admiração – no momento em que alguém se “apaixona” por uma pessoa ou idéia. Toda vez que isso ocorre, encontra-se um potencial positivo do indivíduo, ao qual todos são idênticos, mesmo que esse potencial positivo esteja encoberto por uma imagem negativa.

Uma mesma pessoa pode causar atração e repugnância. Aquilo que atrai é uma projeção do potencial positivo; aquilo que repugna é uma projeção dos traços negativos latentes.

Portanto, observa-se que o complexo orienta o comportamento. Na seqüência, então, pode-se analisar como ele é estruturado. Jung via dois aspectos em todo complexo: núcleo e casca. A casca é aquela superfície que imediatamente se apresenta como padrão peculiar de reação, dependente de uma rede de associações agrupadas em torno de uma emoção central e adquiridas individualmente, logo de natureza pessoal¹³⁰. A casca, ou estrutura associativa com a qual o complexo nos confronta, consiste na soma total do condicionamento ocorrido durante a infância em relação ao padrão instintual particular em questão. Essas “cascas” dos complexos são, em grande parte, formadas por acontecimentos e traumas da infância, como dificuldades e repressões, e sempre podem então ser redutivamente rastreadas até o passado pessoal do indivíduo, e explicadas como causa e efeito.

Enquanto a casca do complexo se refere ao inconsciente pessoal do indivíduo, já o centro do complexo consiste no núcleo de um padrão humano universal chamado *arquetipo* do inconsciente coletivo ou da psique objetiva.

¹²⁹ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 55.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 59.

Arquétipos são coletivos no sentido de que não são mais conteúdos puramente pessoais pertencentes a esta ou àquela pessoa em termos de associações e históricos individuais, mas sim pertencem às tendências para certos tipos de representações simbólicas inerentes a todos nós ¹³¹.

No processo de se conhecer seus complexos, os dois (casca e núcleo ou inconsciente pessoal e inconsciente coletivo), pode-se entender que a casca pessoal do complexo é a forma pela qual o eterno tema mitológico se encarna e faz sentido na vida ou na natureza pessoal.

2.2.4 A *persona*

O termo latino *persona* refere-se à máscara do ator da Antiguidade, que era usada nas peças ritualísticas solenes. Jung usa esse termo para caracterizar as expressões do impulso arquetípico para uma adaptação à realidade exterior e à coletividade ¹³².

As *personas* representam os papéis que todos desempenham na sociedade, em outras palavras, no “palco do mundo”; são as máscaras que carregam para mostrar uma imagem simulada, ou seja, durante todo o “jogo” de viver a realidade exterior. A *persona*, como uma imagem representacional do arquétipo da adaptação, aparece em sonhos, nas imagens de roupas, uniformes e máscaras.

Na infância, os papéis dos indivíduos são determinados pelas expectativas paternas. A criança tende a se comportar de modo a receber aprovação dos pais, e esse é o primeiro molde de formação do ego. Esse padrão é formado pelos valores e códigos de comportamento transmitidos pelos pais.

No decorrer do desenvolvimento psicológico adequado, é necessário que ocorra uma diferenciação entre ego e *persona*. Significa que todos devem se tornar conscientes de quem realmente são, enquanto indivíduos separados das exigências externas feitas em relação à cada indivíduo, deve-se desenvolver um senso de responsabilidade e uma capacidade de julgamento não necessariamente idênticos aos padrões e expectativas coletivas, embora, é claro, esses padrões devam receber a devida atenção.

¹³¹ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 63.

¹³² *Ibid.*, p. 140.

Assim, faz-se necessário descobrir que, na verdade, todos usam vestimentas representacionais para proteção e aparência, mas que, também, todos podem se trocar e vestir algo mais confortável, quando for apropriado, e que podem ficar nus em outros momentos. Deve-se aprender a se adaptar às exigências culturais e coletivas em conformidade com o papel de cada um na sociedade e, ainda, no aspecto natural, ser ele ou ela mesma. É preciso desenvolver uma máscara de *persona* como um ego adequado. Se essa diferenciação fracassar, forma-se um “pseudo-ego”, o padrão de personalidade que se baseia na imitação estereotipada ou numa atuação meramente zelosa em relação ao papel atribuído pelo coletivo ao indivíduo e, freqüentemente, beira o limite da psicose.

Quando a individualidade é confundida com o papel social, o resultado pode ser um estado de inflação. A vítima se sente poderosa, mas não consegue ser um humano. Tal pessoa é apenas o papel que representa, seja de médico, advogado, pastor, professor, mãe, filha, ou qualquer outra representação que seja desempenhada de forma compulsiva. Se a *persona* está conectada de forma muito rígida, se falta à pessoa distinção necessária entre a pele individual e as vestes coletivas, ela se encontra numa posição precária, como se não conseguisse respirar.

A coletividade e a individualidade são um par de apostos polares. Por essa razão, há um relacionamento de oposição e de compensação entre *persona* e sombra.

2.2.5 A Sombra

O termo *sombra* refere-se à parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. Como tudo o que é inconsciente é projetado, encontramos a sombra na projeção – em nossa visão da ‘outra pessoa’. Como figura dos sonhos e fantasias, a sombra representa o inconsciente pessoal¹³³.

A grande questão da projeção está no fato de que as pessoas acham impossível tolerar nos outros apenas aquilo que não se pode aceitar nelas mesmas. Qualidades negativas que não incomodam tanto, provavelmente não fazem parte da sombra delas.

A sombra é a experiência arquetípica da “outra pessoa”, é o anseio arquetípico do bode expiatório de alguém, para culpar e atacar, a fim de obter justificativa e absolvição; é a experiência arquetípica do inimigo, a culpa que recai sobre a outra pessoa, já que existe a ilusão de que todos

¹³³ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 144.

compreendem a si mesmos e que já lidaram adequadamente com seus problemas. Em outras palavras, à medida que tenho de ser correto e bom, *ele ou ela* se tornam os portadores de todo o mal que não consigo reconhecer em mim mesmo.

O reconhecimento da sombra pode ocasionar efeitos muito marcantes na personalidade consciente. É preciso ser forte para não recuar ou não ser esmagado diante da visão da própria sombra e, é preciso ser corajoso para aceitar a responsabilidade por ela.

Desta maneira, a sombra é a porta para a individualidade. Uma vez que ela apresenta a primeira visão da parte inconsciente da personalidade, ela representa, também, o primeiro estágio para encontrar o *Self*. Não há acesso ao inconsciente e à própria realidade, exceto através da sombra.

Apenas quando reconhecemos aquela parte de nós mesmos que ainda não vimos ou preferimos não ver é que podemos seguir em frente, questionar e encontrar fontes em que ela se alimenta e a base em que se repousa ¹³⁴.

2.2.6 *Anima e Animus*

A anima e o animus são os arquétipos daquilo que, em cada sexo, é o *inteiramente outro*. Cada um representa um mundo que, à primeira vista, é incompreensível ao seu oposto, um mundo que nunca pode ser conhecido diretamente ¹³⁵.

Embora cada indivíduo tenha dentro de si, elementos do sexo oposto, seu campo de expressão é precisamente aquela área que é mais obscura, estranha, irracional e amedrontadora; na melhor das hipóteses, ela pode ser intuída e sentida, mas nunca completamente compreendida.

“O anima representa o arquétipo do Yin no homem, o feminino que há dentro dele, e o *animus* a masculinidade da mulher, seu Yang” ¹³⁶. Enquanto a sombra representa características pessoas reprimidas e inconscientes, a *anima* e o *animus* personificam os padrões humanos gerais instintivos e inconscientes.

Como padrão de emoção, a *anima* consiste nos anseios inconscientes do homem, seus estados de espírito, aspirações emocionais, ansiedades, medos, inflações e depressões, assim como

¹³⁴ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 148.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 165.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 165.

seu potencial de emoção e relacionamento. Quando um homem tem identidade com sua *anima*, ele age como uma mulher de segunda categoria. Sob essa forma, a *anima* representa o mundo da natureza e do envolvimento emocional, dos amores e rancores, o mundo relativamente inadaptado.

As invasões da *anima* ocorrem em situações que exigem respostas emocionais e instintivas; muitas vezes, isso significa que as respostas surgem de uma parte pertencente à função inferior, já que a resposta instintiva e emocional-intuitiva é aquela que o homem é geralmente menos capaz de fornecer de forma consciente. Quando surge uma situação carregada de emoção, ele tenta reagir com a razão, sem antes, ou pelo menos também, entender sua resposta emocional, é provável que sofre um ataque da *anima*, a resposta virá do inconsciente.

A *identidade* com o *anima* manifesta-se em todo tipo de melancolia, autopiedade, sentimentalismo, depressão, retraimento meditativo, acessos de paixão, hipersensibilidade mórbida ou efeminação compulsivos (agindo como uma mulher inferior). A *inflação* da *anima* é um estado no qual as ambições, esperanças e desejos são confundidos com fatos e realidades acontecidos.

A *anima* em *projeção* é responsável pelo fato de um homem estar amando ou odiando. Ele encontrou a imagem da sua alma, a mulher ideal ou uma bruxa assustadoramente terrível. Ambas são fascinantes e irresistíveis. Os relacionamentos com o sexo oposto estão sujeitos a serem iniciados pela projeção da *anima* ou *animus*. Mas o verdadeiro relacionamento requer que as projeções sejam ultrapassadas e a realidade da outra pessoa seja alcançada. Problemas no casamento são muito comuns, quando a pessoa não está preparada para encarar o outro como realmente é, por estar apaixonada pela sua projeção, e não a pessoa em si.

“O animus é o corolário da anima do homem e representa a ‘masculinidade recessiva’ ou o aspecto Yang da mulher, seu ímpeto de ação, sua capacidade de julgamento e discriminação”¹³⁷. Assim como o homem dominado pela *anima* é melancólico, inseguro e retraído, a mulher conduzida pelo *animus* é governada por preconceitos, noções e expectativas preconcebidas e é dogmática, argumentadora e hipergeneralizadora. Uma mulher possuída pela *animus* não discute para descobrir a verdade, mas para mostrar que está certa, vencer e ter a última palavra.

É importante lembrar que o *animus* e a *anima* rerepresentam sistemas de avaliação que nunca foram confrontados pela consciência. O conceito de *animus* descreve os aspectos de uma mulher, aos quais são usados para formar julgamentos, padrões que ela simplesmente aceita como

¹³⁷ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 179.

a verdade. Logo, é extremamente difícil entrar em contato com o *animus*, porque a pessoa tende a procurar erros de julgamento.

Quando projetado, o *animus*, que é o grande moralizador e tem sua formação com a influência da figura paterna, explica as profundas e irrealistas fascinações da mulher. Ou ela está apaixonada, ou presa em profunda admiração pelo grande homem, ou ao contrário, odeia e rejeita violentamente o homem 'mau' que, de algum modo, exerce atração estranha e inexplicável sobre ela. Entretanto, as projeções do *animus* podem ser evitadas e são o passo inicial para formar a base na qual o relacionamento será construído.

Uma mulher não pode se tornar um ser humano realizado sem integrar, conscientemente, pelo menos um mínimo de agressividade, positividade e raciocínio independente e transformá-lo em seu próprio, o mesmo que acontece ao homem com a *anima*. Permanecer presa ao estereótipo de dona-de-casa maternal, dócil e amorosa, que é incapaz de pensar por si mesma, significa a morte da personalidade real.

2.2.7 O Self

De acordo com Jung, o *Self* representa a unidade, integração e harmonia de toda a personalidade total. A luta pela integridade é a meta primordial da vida. Este arquétipo envolve a união, reunião e equilíbrio de todas as partes da personalidade. No *Self*, que é o centro da personalidade, os processos consciente e inconsciente são assimilados para que ele se desloque do ego para um ponto de equilíbrio, entre as forças opostas do consciente e do inconsciente. Como resultado, o material do inconsciente passa a ter maior influência sobre a personalidade.

A realização total do *Self* é uma meta a ser atingida, mas que, raramente, é efetivamente alcançada. Ela não pode começar a se manifestar enquanto os outros sistemas da psique não tiverem sido desenvolvidos.

2.2.8 Tipos Psicológicos

Tipos Psicológicos: são oito formas de personalidade com base nas interações entre as atitudes (introversão e extroversão) e as funções (pensamento, sentimento, intuição e sensação).

Extroversão é uma atitude da psique caracterizada por uma orientação para o mundo exterior e na relação com outras pessoas. *Introversão* é uma atitude da psique caracterizada por uma orientação para as idéias e sensações da própria pessoa ¹³⁸.

Desta maneira, são expostos, abaixo, de modo sucinto, os oito tipos de personalidade determinados por Jung ¹³⁹.

Extrovertido pensamento: lógico, objetivo e dogmático. Vive estritamente com as regras da sociedade, tende a reprimir os sentimentos e emoções, ser objetivo em todos os aspectos da vida e dogmático em suas opiniões. Pode ser considerado rígido e frio. As pessoas deste tipo são bons cientistas, porque se concentram em adquirir conhecimento sobre o mundo exterior e utilizar regras lógicas para descrevê-lo e entendê-lo.

Extrovertido sentimento: emotivo, sensível, sociável; mais típico das mulheres do que dos homens. Tende a reprimir o pensamento e ser muito emotivo. Respeita os valores tradicionais e códigos morais que lhes foram ensinados, é imensamente sensível às opiniões e expectativas dos outros. É compassivo, faz amigos facilmente e é sociável e vivaz.

Extrovertido sensação: extrovertido, busca o prazer, adaptável. Concentra-se no prazer e na busca de novas experiências. São pessoas voltadas para o mundo real e se adaptam a tipos de pessoas diferentes e situações mutáveis. Como não são dadas a introspecção, tendem a ser extrovertidas com grande capacidade de aproveitar a vida.

Extrovertido intuitivo: criativo, capaz de motivar outros e aproveitar oportunidades. Grande habilidade de explorar oportunidades. Encontram-se mais em áreas como política e negócios. Sentem-se atraídos por novas idéias e tendem a ser criativas; conseguem inspirar outros a realizar seu trabalho e a conquistar, tendem a ser volúveis, mudando de uma idéia para outra. Tomam decisões baseando-se mais em palpites do que na reflexão. Suas decisões, no entanto, geralmente são corretas.

Introvertido pensamento: mais interessado em idéias do que nas pessoas. Não se dá bem com os outros e tem dificuldade de transmitir idéias. Concentra-se mais no raciocínio do que nos sentimentos e não tem senso prático bom. É extremamente preocupado com a privacidade. Prefere lidar com abstrações e teorias e se concentra mais em

¹³⁸ SCHULTZ, D.P. & SCHULTZ, S.E. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Thomson, 2006, p. 94.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 94-95.

entender a si próprio do que a outras pessoas. Os outros o consideram teimoso, indiferente, arrogante e sem consideração.

Introvertido sentimento: reservado, é capaz de ter emoções profundas, embora não demonstre. Evitam qualquer manifestação externa delas. Reprime o pensamento racional. Parece misterioso, inacessível, quieto, modesto e infantil. Aparenta ser tímido, frio e autoconfiante. Tem pouca consideração pelos sentimentos e idéias do outros.

Introvertido sensação: sem interesse pelo exterior, se expressa em buscas estéticas. Passivo, calmo e desligado do mundo cotidiano. Encara a maioria das atividades humanas com benevolência e deleite. É esteticamente sensível, expressando-se na arte ou música, e tende a reprimir sua intuição.

Introvertido intuitivo: mais preocupado com o inconsciente do que com a realidade cotidiana. Trata-se de pessoas mais intuitivas, com pouco contato com a realidade, são visionárias e utopistas, não estão preocupadas com assuntos práticos e são poucos compreendidas pelos outros. São consideradas estranhas e excêntricas, têm dificuldade em lidar com a vida diária e fazer planejamento para o futuro.

2.2.9 A Terapia Junguiana

Como base de uma compreensão geral do processo terapêutico, é preciso lembrar que foi postulada uma lei fundamental de interação entre o consciente e o inconsciente: “o inconsciente relaciona-se ou não com a personalidade consciente exatamente como a própria perspectiva consciente se aborda ou não o inconsciente”¹⁴⁰.

A terapia junguiana é, na essência, o esforço para estabelecer um relacionamento adequado, entre o ego e o estado inconsciente, para trazer à consciência, as posições relativas que um tem com o outro e para descobrir as exigências de uma parceria cooperativa contínua. “O progresso terapêutico depende da conscientização; de fato, a tentativa para uma pessoa tornar-se mais consciente é a terapia”¹⁴¹. Uma vez que as pessoas estejam realmente conscientes de seu

¹⁴⁰ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 257.

¹⁴¹ *Ibid.*, p.259

comportamento compulsivo habitual, ou de sua motivação de traços obsessivos, não se pode mais, então, agir de modo ingênuo com relação a eles e será possível iniciar uma mudança.

Na terapia, primeiro é necessário a conscientização das lacunas e contradições na posição consciente, para elucidar e compreender as implicações dos sistemas de valor e convicções assumidas; isso porque, muitas vezes, a posição consciente não examinada é a que o indivíduo gostaria de possuir tudo ao mesmo tempo. Poder-se-ia descrever a posição consciente como uma coleção de exigências, deveres e necessidades que freqüentemente estão em constante conflito; em geral, todas as pessoas são atormentadas por suas virtudes. Por exemplo: a responsabilidade orienta o ser humano a seguir um caminho, porém, o sentimento de afeição pode levá-lo a uma direção oposta.

Após esse esclarecimento, a terapia se preocupa em estabelecer o grau de tensão e conflito entre as posições consciente e inconsciente. Há primeiro o conflito entre o ego e a sombra, isto é, entre aquilo que, esperançosamente, a pessoa acredita ser e a realidade de sua personalidade que foi reprimida. Isso leva ao exame da *anima*, *animus* e o *Self*. Por fim, o inconsciente começará a fornecer, não apenas descrições do impasse existente, mas sugestões positivas de possibilidades de desenvolvimento que poderiam reconciliar as posições opostas, mostrando quais “avenidas de desenvolvimento” dispomos para nós.

Essencialmente, a direção da terapia junguiana baseia-se num diálogo contínuo entre o ego consciente e o inconsciente. Desse modo, a direção da terapia não é determinada pelas idéias do analista sobre aquilo que é ou deveria ser normal, nem pelas esperanças e expectativas do analisando, mas por aquilo que poderia ser chamado de um processo autônomo: o desdobramento do plano ou padrão inerente do inconsciente. Essa direção vem através da compreensão dos sonhos, fantasias ou expressões artísticas que mostram quais virtudes ou impulsos devem ser trazidos a uma realização concreta. O centro de gravidade da abordagem junguiana repousa nos propósitos e orientação do inconsciente. Enquanto um não-junguiano pode dizer ao analisando, o que é certo ou normal fazer, com relação a um problema específico, o junguiano está mais inclinado a admitir que não há nenhum meio de saber, que é necessário ver quais são os novos padrões de normalidade ou possibilidades de solução que o inconsciente pode revelar para este indivíduo.

“Jung credita à psique uma potencialidade para autocura. A idéia de que o inconsciente também contém potencial de cura, e não apenas elementos perturbadores, foram uma das

descobertas exclusivas e revolucionárias de Jung”¹⁴². O objetivo da análise junguiana é mais a transformação do que a sublimação. A transformação aponta para uma alteração dos próprios impulsos, de modo que, não haja mais nenhuma necessidade de sublimação. Como resultado da transformação, os impulsos deixariam de ser ameaçadores e destrutivos e se converteriam em elementos úteis.

“A ânsia de transformação é inerente à configuração do próprio inconsciente sendo idêntica ao impulso para a individuação. A individuação ocorre através da conscientização, da vivência genuína em contato com situações reais”¹⁴³. Jung aboliu o divã e o terapeuta que toma nota atrás dele. Ele preferiu sentar-se frente a frente com seus pacientes.

Quando um indivíduo não vai à terapia, fica à mercê de seus próprios confrontos pessoais, esses confrontos são limitados pelos seus próprios pontos cegos, e são eles que acabam conduzindo a conflitos e impasses, através de projeções e ilusões. O papel do terapeuta junguiano é de um participante e mentor experiente, que está envolvido no caso e acompanha o paciente por meio do labirinto da dinâmica da psique em desdobramento. Ele é mais o observador participante do que o observador distanciado, pois é útil para evocar e modificar, através da estrutura da personalidade do paciente, naquilo que está sendo observado.

A função do analista não é dirigir ou conduzir e, certamente, não é forçar suas teorias ao paciente, mas ser um “espaço capacitador”¹⁴⁴. A situação do analista pode ser comparada a um espaço vivo no qual se entra. Pensamentos, sentimentos, lembranças e estados de espírito muito diferentes surgem de acordo com o espaço particular em que a pessoa se encontra. Por exemplo: essas coisas são diferentemente despertadas no indivíduo quando ele está num hotel, no trabalho ou na praia. Assim também o ambiente terapêutico é essencial para o desdobramento do que acontecerá ali.

A personalidade e as atitudes do analista são cruciais para determinar aquilo que virá à tona e até mesmo a maneira como isso se apresentará na situação analítica. Para que a análise seja bem sucedida, o analista precisa ter passado, ele mesmo, pela análise. Pois, ele deve trabalhar seus próprios problemas a fim de poder ajudar o paciente a mudar. Além disso, nenhum analista pode atender todo mundo. É extremamente importante que ocorra uma identificação em benefício de um encontro capacitador adequado, que exista um mínimo de empatia entre os dois.

¹⁴² WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 260.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 261.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 265.

Em geral, a primeira fase de uma análise junguiana tem a ver com o confronto da sombra, no qual são trazidos à atenção das pessoas certos fatos incontestáveis a respeito dos aspectos menos recomendáveis. Os *insights* mais brilhantes costumam ocorrer dentro das primeiras semanas ou meses, mas não prolongam muito, ou seja, não levam a pessoa para muito longe. O indivíduo reconhece aquilo que está errado, todavia, não sabe o que fazer a respeito. Descobre-se que as próprias tentativas de resolvê-los, por meio do esforço e da vontade, não ajudam em nada. Boas intenções podem facilmente favorecer a ilusão de que a questão foi resolvida, porém, na verdade, isto está longe de acontecer e parece não ter a menor chance dela ser resolvida. Essa situação conduz a um impasse: a pessoa sabe o que precisa mudar, mas não pode, por mais que tente. Um aspecto do inconsciente pessoal foi vivenciado, no entanto, outras também precisam ser: a *anima*, o *animus* e o *Self*.

Estamos diante de um paradoxo de que a disciplina e o esforço consciente são indispensáveis, mas não nos levam muito adiante em áreas realmente críticas. Chegamos ao ponto de sermos tentados a desistir em desespero, porque, afinal de contas para que serve tudo isso? Começamos a sentir que a análise é como tortura deliberada e organizada; as coisas mais problemáticas são repisadas muitas e muitas vezes e, não importa o quanto nos esforcemos, não há nenhum modo de alterá-las ¹⁴⁵.

Contudo, apenas quando se compreende que as pessoas são incapazes de mudar a si mesmas, pode-se começar a aceitar a posição existencial e o drama real da vida. “A transformação da nossa personalidade ocorre *dentro de nós, em nós, mas não por nós*” ¹⁴⁶.

O ponto de desesperança e irreversível é, deste modo, o ponto de decisão, no qual a situação psicológica parece não ter saída e a solução reacional para os impulsos conflitantes não é encontrada. Nele, é que, mais cedo ou mais tarde, surgem os sonhos e fantasias, não apenas mostrando, mas também iniciando possibilidades de desenvolvimento. Então surgem os símbolos reconciliadores. Esses símbolos e esses modos de resolução são, em geral, aqueles que a razão consciente nunca poderia ter descoberto. São imagens do inconsciente.

Assim, não se fala tanto do paciente sobre ele mesmo, mas sim se coloca o paciente em contato consigo mesmo. Ele deve prestar muita atenção, deve fazer constantes esforços conscientes para atingir as formas de mediação capazes de auxiliar na transformação de complexos destrutivos.

¹⁴⁵ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 271.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 271.

Há um fenômeno peculiar que caracteriza o estágio de transformação: é que as mudanças que agora ocorrem escapam inicialmente à observação da pessoa. Aqueles que nos cercam estão convincentes delas antes de nós; eles podem notar que se torna muito mais fácil conviver conosco. Isso porque, quando as mudanças finalmente ocorrem, parecem fazê-lo apesar de nossos esforços, não por causa deles. A transformação é completada, não por um ato deliberado, mas por uma ação do inconsciente sobre o inconsciente e através dele. Essa é a mudança do inconsciente, que não efetuamos, mas da qual participamos. Ela é o resultado dos nossos esforços para encontrar as fronteiras mais extremas de conscientização e aceitar os limites dos quais operamos ¹⁴⁷.

A partir desse ponto de vista, pode-se observar que aquilo que é chamado terapia é um ajustamento às necessidades e exigências da vida da pessoa, em termos exteriores e interiores, e que esse processo é aquele descrito como individuação: a descoberta e a manutenção de um relacionamento apropriado entre o ego e o *Self*.

¹⁴⁷ WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo*. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 272.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Neste capítulo, é feita a análise do Aconselhamento Bíblico de Jay Adams e seguidores. Primeiramente, é traçada uma análise teológica, destacando a questão da revelação geral e especial e também a suficiência da Bíblia. Depois, é abordado o limite psicológico em que são discutidas as definições de doença mental, à luz da teoria de Carl Jung, demonstrando que o posicionamento em relação à doença mental é fundamental e o que vai, justamente, orientar alguém na sua posição em relação à Psicologia e Psiquiatria.

3.1 Análise Teológica

3.1.1 Revelação Geral e Especial

O conhecimento de Deus difere de todos os demais tipos de conhecimento. No estudo de todas as outras ciências, o homem se coloca *acima* do objeto de sua investigação e *ativamente* extrai dele o seu conhecimento pelo método que lhe parece mais apropriado, mas na teologia ele não pode colocar-se acima e sim, *sob* o objeto de seu conhecimento.

O homem só pode conhecer a Deus na medida em que este ativamente se faz conhecido. Deus é, antes de tudo, o sujeito que transmite conhecimento ao homem [...] sem a revelação, o homem nunca seria capaz de adquirir qualquer conhecimento de Deus ¹⁴⁸.

A definição de revelação é “uma coisa na qual ele se faz ativamente conhecido [...] um ato sobrenatural de comunicação, um ato repleto de propósito, da parte do Deus Vivente” ¹⁴⁹, ou seja, “todo nosso conhecimento de Deus é derivado de Sua auto-revelação na natureza e na Escritura”

¹⁵⁰.

¹⁴⁸ BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 33.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 34.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 34.

Berkhof afirma que:

Ao lado do conhecimento arquetípico de Deus, que se acha no próprio Deus, há também um conhecimento ectípico dele, dado ao homem por meio da revelação. Este último se relaciona como uma cópia original, e, portanto, não tem as mesmas proporções e clarezas ¹⁵¹.

Desta maneira, pode-se entrar em um dos limites que existem no Aconselhamento Noutético de Jay Adams, a revelação geral e especial. “À medida que examinamos o Aconselhamento Bíblico encontramos um espectro de características que dependem, entre outras coisas, das ênfases dadas à revelação geral e à especial” ¹⁵².

Assim: “A revelação geral tem em vista localizar e suprir a necessidade natural das criaturas quanto ao conhecimento de Deus; a revelação especial tem por objetivo resgatar do seu pecado e conseqüentemente resgatar pecadores escravizados e deformados” ¹⁵³.

A revelação geral é dirigida ao homem na qualidade de homem, à sua razão, criado à imagem e semelhança de Deus.

“Imagem” e “semelhança” são empregadas como sinônimos na Bíblia e, portanto, não se referem a duas coisas diferentes. O homem não só leva a imagem de Deus, mas *é* a própria imagem de Deus.

Note-se que o homem, mesmo após a queda, independente de sua condição espiritual, é apresentado como imagem de Deus (Gn 9.6; 1 Co 11.7; Tg 3.9). Deve-se a atrocidade do crime de homicídio ao fato de que é uma agressão à imagem de Deus. À luz dessas passagens das Escrituras, não há base para dizer que o homem perdeu completamente a imagem de Deus ¹⁵⁴.

Como a essência do homem consiste em ser ele a imagem de Deus, há implicações diretas no ser humano que apontam para a imagem de Deus no homem:

(a) qualidades da alma ou do espírito do homem, isto é, das qualidades de simplicidade, espiritualidade e imortalidade. (b) Dos poderes ou faculdades psíquicas do homem como um ser racional e moral, a saber, o intelecto e a

¹⁵¹ BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 34

¹⁵² HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 299.

¹⁵³ BERKHOF, L. Op. cit., p. 36.

¹⁵⁴ Ibid., p. 189.

vontade com suas funções. (c) Da integridade moral e intelectual da natureza do homem, que se revela no verdadeiro conhecimento, justiça e santidade [...] é a perfeição moral da imagem que podia ser perdida por causa do pecado, e foi ¹⁵⁵.

Este homem, que é a imagem de Deus, é capacitado pelo próprio Deus para desenvolver teorias para ajudar seus semelhantes. Tratam-se de conceitos valiosos que estão em todas as áreas da ciência; nas ciências humanas, médicas e exatas. Os cristãos podem aprender muito com tudo isso e não se colocarem numa postura de exclusão, afirmando que tudo que venha de não crentes seja fruto da obra de satanás, não é isso que é encontrado na Bíblia.

Tais considerações mostram-nos que a humanidade em si é um objeto digno de estudo – não apenas por biólogos e teólogos, mas também por antropólogos, sociólogos e psicólogos. Os homens, feitos à imagem de Deus, decaídos e ainda assim gloriosos, estão abertos à investigação e à compreensão *por* homens, feitos à imagem de Deus, decaídos e ainda assim gloriosos. Nada disso implica negar que todos nós (até os psicólogos) precisamos demais da redenção de Cristo. Tal colocação apenas sustenta que Deus é um Deus de revelação geral e igualmente especial, de graça comum e igualmente especial. [...] Seu colega não cristão também é feito à imagem de Deus, é semelhantemente receptor da graça comum de Deus e poderá muito bem discernir e partilhar suas intuições valiosas sobre a natureza humana ¹⁵⁶.

É preciso, no entanto, ressaltar que quando os ventos do racionalismo sopraram na Europa, a revelação geral foi exaltada em detrimento da revelação escrita, a Bíblia. O homem ficou intoxicado pela sensação da sua capacidade e bondade, recusou-se a ouvir a voz da autoridade que lhe fala na Bíblia e a submeter-se a ela, depositando completa confiança na capacidade da razão humana para guiá-lo. A Bíblia coloca o homem no lugar em que deve estar. Mostra o quanto ele precisa de Deus. Mesmo o homem, sendo a imagem de Deus, que derrama sobre todas as criaturas humanas a graça comum, o homem é pecador e como consequência disto é egoísta e orgulhoso, buscando ele mesmo, dirigir e estar no centro de sua própria vida.

Não surpreende que os conselheiros “bíblicos” estejam inclinados a assumir uma postura de exclusão ou de integração com relação à Psicologia.

Isso acontece porque sua posição doutrinária é freqüentemente elaborada com um forte dogmatismo e, desse modo, a Psicologia secular é ou totalmente

¹⁵⁵ BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 191.

¹⁵⁶ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 301.

condenada (de uma perspectiva exclusivamente da revelação especial) ou avaliada com cautela (em que se vê a revelação de Deus por meio de sua Palavra e obras). Muitos cristãos que são mais assimilativos ou ecléticos voltam-se para teóricos da Psicologia os quais apresentam metodologias que parecem fazer ressonância às perspectivas encontradas na Bíblia ¹⁵⁷.

A revelação de Deus foi dada, uma vez por todas, em Jesus Cristo, em que se torna evidente por meio da sua encarnação, morte e ressurreição. A Bíblia, que é a Palavra de Deus, é o livro-padrão, sendo a inerrante e legítima Palavra de Deus. Por ser o homem a imagem de Deus, mas ao mesmo tempo, pecador, é necessário deixar com que todas as teorias estejam sujeitas à autoridade da Bíblia. É preciso filtrar o que claramente afirma a Bíblia, as verdades que podem ser encontradas fora dela.

Esta questão leva à segunda e mais importante questão teológica envolvida nas idéias de Jay Adams.

3.1.2 Suficiência das Escrituras

Dr. Lawrence J. Crabb Jr. é diretor do Instituto de Aconselhamento Cristão em Colorado, nos Estados Unidos da América. Obteve seu doutorado em psicologia clínica pela Universidade de Illinois, onde foi professor assistente de Psicologia. Dirigiu o centro de Aconselhamento Psicológico na Universidade Atlântica da Flórida. Trabalhou como psicólogo particular por dez anos e, atualmente, se ocupa basicamente de dar palestras sobre aconselhamento em vários países do mundo.

É de sua obra *Como Compreender as Pessoas* ¹⁵⁸ que serão destacadas algumas questões em relação à suficiência da Bíblia, fazendo a seguinte pergunta: a Bíblia trata significativamente de todo problema humano?

Para responder a esta pergunta, serão enfatizados três posicionamentos mais adotados por cristãos com relação à suficiência da Bíblia e expostos por Larry Crabb em seu livro ¹⁵⁹.

Posição 1

¹⁵⁷ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 317.

¹⁵⁸ CRABB, L. *Como Compreender as Pessoas*. São Paulo: Vida, 2003.

¹⁵⁹ Os três posicionamentos estão expostos nas páginas 51-81.

A Bíblia não responde diretamente a toda pergunta legítima do Aconselhamento. É, portanto, necessário e certo voltar-se para dados e teoria da Psicologia em busca de ajuda.

Este posicionamento reflete a opinião de que a Bíblia não é um livro texto de aconselhamento, sendo que ela trata de questões espirituais e não psicológicas. A Bíblia expressa claramente posições doutrinárias e éticas que devem ser seguidas. Porém, os detalhes de compreensão e métodos de aconselhamento devem ser aprendidos por outros meios. Isso, muitas vezes, permite que outro conteúdo, além da informação bíblica, sirva de ponto inicial e final para solucionar as questões do aconselhamento.

Para a posição 1, o modelo de Aconselhamento Bíblico é aquele que nunca viola o ensino bíblico claro sobre doutrina e ética. “A preocupação não é se nossas idéias sobre aconselhamento *brotam* das Escrituras; elas precisam simplesmente não *contradizer* a Escritura”¹⁶⁰. Frequentemente, a atitude de encaminhar um membro da igreja a um psicólogo, reflete duas atitudes: primeiro uma limitação normal do conselheiro em reconhecer que não consegue lidar com determinada questão; mas a outra atitude pode ser perigosa, pois reflete a opinião de que a Bíblia não tem o que dizer sobre o problema que a pessoa está enfrentando, não existindo um intercâmbio entre problemas psicológicos e espirituais e isso pode significar falta de conhecimento do conteúdo e propósito da Bíblia.

Posição 2

A Bíblia responde diretamente toda pergunta legítima sobre a vida, sendo, portanto, um guia suficiente para o Aconselhamento.

Este é o posicionamento de Jay Adams e seguidores. Muitos cristãos insistem em que a Bíblia, segundo seu sentido claro e literal, é abrangentemente relevante para toda pergunta *legítima* que a vida apresenta. Mas, esse ponto de vista tem um efeito negativo: desconsiderar perguntas importantes, tachando-as como ilegítimas.

O problema com este raciocínio é que ele está muito perto de ser verdadeiro. Creio na suficiência da Bíblia. Creio também que a desordem psicológica, quando desmascarada, reflete certa desordem espiritual. Entretanto, quando erguemos nossas vozes a favor de um compromisso radical com a suficiência da Bíblia, corremos o perigo de perder profundidade em nosso entendimento¹⁶¹.

¹⁶⁰ CRABB, L. *Como Compreender as Pessoas*. São Paulo: Vida, 2003, p. 52.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 60.

Duas questões precisam ser discutidas em relação aos cristãos que assumem esta posição. Primeiro, é possível dar ao significado literal do texto uma relevância abrangente que ele simplesmente não tem? Larry Crabb expõe no seu livro um exemplo que ilustra esta pergunta.

Uma senhora entra em pânico só de pensar em intimidade sexual com seu marido amoroso, paciente e atencioso. Ela pergunta: por quê? Pelos padrões da posição 2, essa pergunta é descartada como ilegítima. Em nenhum lugar a Bíblia trata claramente desse assunto, portanto tal pergunta não deve ser feita. O conselheiro dessa mulher a encoraja a fazer outra pergunta, que é tratada por um texto bíblico específico: ‘é moralmente certo privar meu marido de relações sexuais?’. Como existe uma passagem que fala diretamente dessa questão (1 Coríntios 7.5), o conselheiro declara com confiança que a abstinência sexual é permissível somente por consentimento mútuo por um breve período e apenas com a finalidade de intensificar a vida de oração do casal. Medo de intimidade não é uma razão autorizada para recusar o sexo.

Desconfio que aquela senhora aflita deixaria a sessão de aconselhamento sem ter sido ajudada em nada e pior, significamente prejudicada. A espada da Escritura foi usada como um punhal de um assassino. Sob a bandeira da suficiência bíblica, os conselheiros cristãos podem ignorar perguntas crucialmente importantes ao responder às perguntas que podem resolver com facilidade. O resultado é uma brecha entre a Bíblia e a vida das pessoas ¹⁶².

A segunda questão que precisa ser discutida em relação a esta posição é, de que, quando a gama de perguntas permissíveis é reduzida, a compreensão dos problemas complicados tende a tornar-se simplista. “O compromisso com a suficiência bíblica às vezes resulta em explicações superficiais para desordens complexas. E explicações superficiais promovem a aceitação incontestada de soluções superficiais” ¹⁶³.

O objetivo é mudar as perguntas para aquelas que se encaixam melhor em textos que a Bíblia responde, seja qual for o problema que está sendo enfrentado. “Quando limitamos as perguntas que podemos fazer às que a Bíblia responde especificamente, o resultado será, com frequência, uma compreensão irrefletida e simplista da vida e de seus problemas, que deixam de nos levar a uma dependência maior do Senhor” ¹⁶⁴.

¹⁶² CRABB, L. *Como Compreender as Pessoas*. São Paulo: Vida, 2003. p. 61-62.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 62.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 63.

Posição 3 – A Bíblia é um guia suficiente para os relacionamentos da vida.

Este é o posicionamento defendido por Larry Crabb e apresentado em seu livro como a posição mais viável, por justamente evitar os extremos das outras duas posições.

A Bíblia é suficiente para responder a qualquer pergunta a respeito da vida, mas não por responder diretamente a toda pergunta. A idéia da suficiência bíblica para o aconselhamento repousa em dados bíblicos que apóiam certas categorias doutrinárias. E tais categorias contêm implicações que tratam, de forma abrangente, todas as questões da vida que envolvem relacionamentos.

“A Bíblia ensina princípios que podem guiar, de forma abrangente, nossos esforços de aconselhar com carinho e percepção, ao mesmo tempo em que expõe verdades sobre a personalidade humana”¹⁶⁵. O conselheiro que procura intervir segundo a sabedoria bíblica, sempre trabalha para melhorar os relacionamentos, ajudando as pessoas a mudarem de dentro para fora, o relacionamento com Deus, com os outros e consigo mesma.

Para Crabb, existe uma seqüência de tarefas e princípios a serem realizados pelo conselheiro cristão a fim de encontrar respostas que estejam em acordo com a Bíblia.

Primeiro: estabelecer a exegese do texto.

Todo empenho responsável por desenvolver uma compreensão bíblica por meio do aconselhamento deve repousar inteiramente sobre os dados fornecidos pela Bíblia. A mensagem de Deus, conforme dada a conhecer na Bíblia, é o fundamento necessário para construir um modelo de Aconselhamento Bíblico. Estas palavras soam bem aos evangélicos conservadores, mas apresentam alguns problemas¹⁶⁶.

Os problemas que Crabb apresenta estão entre: as perguntas que Deus preferiu responder, especificamente no texto bíblico, e as perguntas que todos querem ver respondidas ao se debaterem com sua própria vida e a vida dos outros. Exemplo: como tratar o problema de alguém, à luz da Bíblia, que tem anorexia, bulimia, depressão, crise de ansiedade, pânico, aversão ao sexo, além de outros?

O texto bíblico parece distante desses problemas. Contudo, o primeiro princípio que Crabb coloca é “faça as perguntas às quais Deus respondeu na Bíblia a fim de desenvolver uma estrutura para entender as perguntas que brotam de nossas vidas”¹⁶⁷.

¹⁶⁵ CRABB, L. *Como Compreender as Pessoas*. São Paulo: Vida, 2003, p. 68.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 70.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 73.

O segundo princípio e tarefa apresentado por Crabb está no que chama de *categorias*. Declarar o significado de uma passagem não esgota tudo o que a Bíblia ensina a respeito.

Depois de aprender o significado, o próximo passo é organizar os ensinamentos do texto, separando-os em amplas declarações a respeito da verdade, ou seja, da doutrina. A teologia representa o esforço de desenvolver um entendimento coerente dos tópicos tratados pelas informações bíblicas ¹⁶⁸.

Os tópicos tratados pela Teologia Sistemática apresentam e aprofundam doutrinas discutidas na Bíblia, de maneira que as pessoas formam seus pontos de vista a partir do que foi ensinado nela de uma forma geral. Se as pessoas quiserem que as “categorias de verdade” sejam reconhecidas como aplicáveis às realidades dos problemas mais comuns e, também, os mais complexos dos seres humanos, deve-se enfrentar a realidade da vida por baixo do que está na superfície e parar de atribuir ao pecado direto, aquilo que não está atrelado a ele.

Perguntas que as pessoas fazem, tais como: por que se sente desconfortável quando é apresentada a pessoas desconhecidas? Por que tem ciúme do sucesso dos outros especialmente os de sua área? O que fazer com a terrível dor que sente toda vez que se lembra do suicídio de sua mãe? Como lidar com o fato terrível de ter sido abusada sexualmente pelo seu pai e com isso ter aversão a outros homens? O que fazer com seus desejos homossexuais? O que fazer com a ira que sente pelo seu cônjuge? Por que se sente tão ameaçada quando alguém consegue provar que estava errada em relação a alguma coisa? Por que não consegue admitir suas fraquezas e lutas interiores?

Estes são exemplos de perguntas que não são feitas apenas por pacientes em consultórios de psicólogos e psiquiatras, mas por alunos da Escola Bíblica Dominical, por membros assíduos das igrejas evangélicas. Todavia, muitos não expressam suas perguntas por medo de serem taxados como fracos na fé e pecadores. Seminários evangélicos precisam ensinar seus alunos a relacionarem a Bíblia aos problemas reais da vida, caso contrário, poderá haver apenas pregações eruditas sobre textos bíblicos ou explicações superficiais para problemas extremamente complexos, e que terão pouca relação com o que as pessoas enfrentam no dia-a-dia.

¹⁶⁸ CRABB, L. *Como Compreender as Pessoas*. São Paulo: Vida, 2003, p. 73.

O terceiro princípio e tarefa apresentado por Crabb está no que ele chama de *implicações*. “Quando nos expusermos às realidades confusas da existência humana, seremos desafiados a explicar o que vemos à luz das categorias bíblicas”¹⁶⁹. Utilizando as palavras do autor:

A tarefa do estudante da Bíblia é pensar sobre a vida dentro das categorias que a Escritura fornece. Se pudermos demonstrar que nossas conclusões refletem implicações razoáveis de categorias bíblicas, então podemos dizer que nossas idéias são respaldadas pela Bíblia. A autoridade para nosso pensamento depende de em que grau ela brota das categorias bíblicas claramente ensinadas¹⁷⁰

Crabb apresenta um exemplo:

Lembro-me de quando aprendi que muitos exibicionistas sentem alívio sexual, não simplesmente porque se exibem, mas quando vêem as vítimas em choque. Isso é informação. Aprendi sobre ela conversando com as pessoas e lendo o histórico de alguns. Não aprendi isso na Bíblia. Ora, se acredito que as categorias bíblicas são suficientes para responder às perguntas que o conselheiro irá fazer, preciso levar essa informação à Escritura e pensar. Preciso primeiro decidir que categorias bíblicas posso esperar que tenham implicações que esclareçam os dados. Com certeza, a questão pecado está envolvida; portanto, refletirei sobre a categoria teológica da hamartiologia. O que é auto-engano? Qual é o propósito do pecado? Por que ele é atraente? Eu poderia também ponderar sobre o que dá prazer às pessoas pensando sobre a declaração do salmista, de que ele ansiava por Deus tal como uma corça sedenta deseja água (Salmo 42.1). Será que os anseios legítimos por Deus poderiam, de alguma forma, ser pervertidos até se transformarem em forte desejo por formas bizarras de alívio sexual? Talvez a categoria homem/mulher tenha implicações que ajudem a montar o quebra-cabeça. Talvez o exibicionista masculino deseje impacto, o tipo de impacto que Deus tencionou que os homens experimentassem ao assumir seus mundos. Talvez ele tenha chegado à conclusão errada e pecaminosa de que não lhe é oferecido impacto significativo, e portanto sente um vazio profundamente frustrante. Chocar uma mulher exibindo seus órgãos, talvez seja a forma pecaminosa que ele encontrou para encontrar satisfação¹⁷¹.

Portanto, para usar melhor a Bíblia, no Aconselhamento Cristão, e ter um ponto de vista que não seja contrário ao que está exposta nela, é necessário aplicar estes três princípios expostos por Crabb: exegese, categorias bíblicas e implicações.

¹⁶⁹ CRABB, L. *Como Compreender as Pessoas*. São Paulo: Vida, 2003, p. 78.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 79.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 78.

3.1.3 Discussão dos pressupostos de Jay Adams à luz da Análise Teológica

A definição de suficiência da Bíblia, trazida pela Teologia Sistemática de Wayne Grudem, diz que:

A Bíblia contém todas as palavras divinas que Deus quis dar ao seu povo em cada estágio da história da redenção e que hoje contém todas as palavras de Deus que precisamos para a salvação, para que, de maneira perfeita, nele possamos confiar e a ele obedecer ¹⁷².

Esta definição está de acordo com o que Crabb mostra. Pois, o objetivo da Bíblia é principalmente indicar o caminho da salvação que Deus determinou através de Jesus Cristo, a história de redenção da humanidade. Tudo o que a Bíblia diz é correto, verdade e digno de confiança, mas existem verdades fora da Bíblia, as quais abordam assuntos que não estão no objetivo de exposição e tratamento bíblico. Não-crentes podem fazer pesquisas, escrever livros e ensinar muito, até mesmo sobre a vida e como vivê-la melhor e com mais qualidade, a todas as pessoas, cristãos e não cristãos.

A Psicologia é uma ciência que busca estudar o comportamento e verificar como se dá a formação deste comportamento no ser humano. Psicologia e Psiquiatria têm muito a ensinar como conselheiros cristãos. Fechar os ouvidos para algumas questões, que ambas as áreas trabalham e tratam, é desconsiderar e desperdiçar séculos de pesquisas e conhecimentos extremamente válidos. É andar na própria contramão do conceito bíblico da graça comum e de que os homens, mesmo não cristãos, são criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus e, com isso, muitas verdades podem chegar “às mãos”, por meio de pessoas não crentes.

Jay Adams, ao afirmar que seu modelo de Aconselhamento é o modelo bíblico por ser noutético, nega que outros estilos de aconselhamento, mesmo cristãos, provêm de Deus. Roger Hurding diz que “há muito na terapia secular que é manifestação da graça comum de Deus e harmoniza-se com sua palavra revelada” ¹⁷³.

“Graça comum é a graça de Deus pela qual ele dá às pessoas inumeráveis bênçãos que não fazem parte da salvação. A palavra *comum* significa comum a todas as pessoas, não restrita a

¹⁷² GRUDEM, W. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 86.

¹⁷³ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 17.

crentes”¹⁷⁴. Grudem continua: “isso significa que toda ciência e tecnologia executada por não cristãos é um dos resultados da graça comum”¹⁷⁵. Berkhof afirma que deve-se à graça comum que “o homem ainda conserva alguma noção do verdadeiro, do bom e do belo, e muitas vezes aprecia estas coisas num grau até surpreendente, e revela o desejo da verdade, da moralidade externa e mesmo de certa forma de religião”¹⁷⁶.

O Apóstolo Paulo fala dos gentios na sua carta aos Romanos 2.15 que “mostram a norma da lei gravada em seus corações, testemunhando-lhes também a consciência, e os seus pensamentos mutuamente acusando-os ou defendendo-os”. Continuando:

A graça comum capacita o homem para praticar o que geralmente se denomina *justitia civilis*, isto é, aquilo que é certo nas atividades civis ou naturais, em distinção daquilo que é certo nas questões religiosas, as boas obras naturais nas relações sociais, obras que se harmonizam externa e objetivamente com a lei de Deus, embora inteiramente destituídas de qualquer qualidade espiritual¹⁷⁷.

Por isso, é preciso ser cauteloso para não rejeitar as coisas boas que os incrédulos fazem como se fossem totalmente más.

Um exemplo disso se encontra na relação de Oskar Pfister e Sigmund Freud.

Oskar Pfister (1873-1956), pastor e psicanalista, foi amigo de Freud e seu principal interlocutor sobre questões de psicanálise e religião. Pastor da Igreja Reformada da Suíça, em Zurique, foi um dos primeiros analistas não-médicos. Foi o primeiro a levar as pesquisas da Psicanálise para a Pedagogia. Foi membro fundador da Sociedade Psicanalítica da Suíça, colaborador da revista *Imago* (responsável por publicar as obras de Freud) e no *Zentralblatt für Psychoanalyse*. Durante trinta anos manteve afetuosa correspondência com Freud, que foi traduzida para o português em 1998, são as *Cartas entre Freud & Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*, publicada pela Ultimato. Em 1973, centenário de seu nascimento, a Associação Psiquiátrica Americana criou o prêmio Oskar Pfister, conferido aos que se destacam em pesquisas sobre Psicanálise e religião. Foram agraciados entre outros, Viktor Frankl, Peter Gay, Hans Küng e Ana Maria Rizutto¹⁷⁸.

¹⁷⁴ GRUDEM, W. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 549.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p.551.

¹⁷⁶ BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 408.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p.409

¹⁷⁸ WONDRAČEK, K.H.K. *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17.

Freud, após publicar sua obra mais controversa em relação à religião, *Futuro de Uma Ilusão*, concedeu a Oskar Pfister um espaço na *Imago*, para expressar sua opinião e as críticas sobre sua publicação. Pfister escreveu, então, um livro intitulado *A Ilusão de Um futuro*, em que analisa as declarações de Freud sobre a religião como uma obsessão neurótica, como configuração dos desejos inconscientes, como hostil à razão e também a posição de Freud sobre a suficiência e messianismo da ciência ¹⁷⁹.

Mesmo havendo discordância de posicionamento entre os dois, Pfister afirmou, a respeito de Freud, que:

Pela criação da Psicanálise, elaborou o instrumento pelo qual são serradas as cadeias das almas sofredoras e são abertas as portas do cárcere. Desse modo a terra é ensolarada pela fé vivificante. Jesus nos conta uma bela parábola de dois filhos, dos quais um, prometendo obedientemente ir à vinha do pai, não mantém a palavra, e outro, rejeitando obstinadamente a ordem arbitrária do pai, ainda assim cumpre o mandamento (Mt 21.28ss). O senhor sabe com quanta alegria o fundador da religião cristã prefere o último. O senhor guardará rancor de mim pelo fato de que, apesar de sua pretensa descrença, eu o vejo figuradamente mais próximo do trono de Deus ¹⁸⁰.

Como é possível observar, trata-se de um grande exemplo Pfister deixa a todos os cristãos. Pode-se aprender muito com o que Freud escreveu, mesmo sem concordar com tudo o que ele diz em suas obras. Adams assume outro tipo de postura, muito diferente desta, assumida por Pfister.

Ao acompanhar Van Til, parece que Adams entra em controvérsia sobre a graça comum e a revelação geral. Realçando de forma nada extremada os dois conselhos – o ‘divino’ e o ‘demoníaco’ – os dois autores parecem correr o risco de negligenciar a dimensão bíblica que proclama um Deus que fala *tanto* por meio de sua palavra *quanto* mediante suas obras ¹⁸¹

¹⁷⁹ WONDRAK, K.H.K. *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p.19-56.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 19.

¹⁸¹ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 316.

Adams afirma ser seu Aconselhamento Noutético o modelo de Aconselhamento Bíblico, mas Gary Collins ¹⁸² afirma: “esta é uma *abordagem diretiva* que em muitos aspectos é semelhante à terapia racional-emotiva de Ellis”.

A terapia racional-emotiva de Albert Ellis (1903-2007) é um desdobramento da linha cognitiva. Ellis afirma que muitos dos problemas humanos derivam do pensamento irracional ¹⁸³. É preciso corrigir os pensamentos inadequados para que eles modifiquem o comportamento inadequado. Para Ellis existe uma tríade básica em todo ser humano: fato (acontecimento) → impressão interna (convicção movida pela observação do acontecimento) → conseqüência que se manifesta no comportamento (por exemplo: depressão, medo, ansiedade, etc.). Para Ellis é necessário corrigir o pensamento, a forma com a qual o indivíduo percebe e é influenciado pela situação para se corrigir o problema.

Adams diz embasar todo seu aconselhamento diretamente na Bíblia. Mas, Roger Hurding afirma:

O método empregado no aconselhamento noutético é tanto cognitivo quanto comportamental, buscando mudanças nas maneiras de pensar e nos padrões de comportamento. A tônica está em tratar hábitos errados de pensamento e ação mediante o duplo processo de desabituação e reabitação. Adams destaca a frequência de ilustrações bíblicas que falam de despir-se e vestir-se com respeito ao viver cristão ¹⁸⁴.

Além disso:

As técnicas empregadas para alcançar a desabitação e reabitação abrangem ampla gama de abordagens comportamentais, a fim de suscitar a motivação e inflamar a ação: as recompensas e os castigos, estimulando as reações boas e desestimulando as ruins; a modelagem, em que o conselheiro poderá partilhar algo de sua própria vida na busca de uma vida consagrada e disciplinada e o uso de tarefas [...] aspecto decisivo do aconselhamento noutético e que começa na primeira sessão ¹⁸⁵.

O Aconselhamento Noutético é mais semelhante à Psicologia Comportamental do que à Psicologia Cognitiva. Existem muitas diferenças entre as duas teorias, no entanto, a principal

¹⁸² Gary Collins é psicólogo cristão e foi professor titular de Aconselhamento Pastoral e Psicologia da *Trinity Evangelical Divinity School* – USA.

¹⁸³ MEYERS, D. *Introdução à Psicologia geral*. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 348.

¹⁸⁴ HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 324.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 324-325.

diferença é que a Psicologia Comportamental afirma que os comportamentos problemáticos são o problema e o que deve, então, ser tratado; já a Psicologia Cognitiva diz que o pensamento problemático (como afirma Ellis) é o problema a ser tratado, pois este influencia todo o restante¹⁸⁶. Jay Adams e a Terapia Comportamental focam seu tratamento e ponto de partida no comportamento problemático, no caso de Adams, no comportamento pecaminoso, como fica claro em toda sua teoria de confrontação com o pecado na vida do aconselhando.

A posição de Adams em relação à Bíblia não é neutra. As interpretações são influenciadas pelas concepções e visões de mundo. Adams recebeu forte influência do psicólogo opositor radical da psicanálise e neobehaviorista, O. Hobart Mowrer, que desenvolveu uma corrente diretiva e que enfatiza a responsabilidade pessoal. As idéias de Mowrer influenciaram Jay Adams já que tinham pensamentos muito parecidos.

“O psicólogo Hobart Mowrer criticou vigorosamente a permissividade ética de boa parte da psicoterapia contemporânea, incluindo o aconselhamento pastoral”¹⁸⁷. Mowrer ajudou a lembrar da importância crucial de questões éticas na maioria dos problemas humanos. Adams só mudou a palavra de questões éticas para pecado.

Contudo, existem fortes críticas ao trabalho de Mowrer dentro da Psicologia, não só vindas de psicólogos seculares, mas também de psicólogos cristãos. Sendo assim, são colocadas, a seguir, as críticas mais importantes dirigidas ao trabalho de Mowrer e que estão na obra de Howard Clinebell, famoso conselheiro cristão que usa técnicas da Análise Transacional no seu Aconselhamento Pastoral.

Primeira crítica: “tanto do ponto de vista teológico quanto psicológico, sua teoria é um método de justificação pelas obras”¹⁸⁸. Isso significa que ela carece de graça e compaixão pela pessoa que está sofrendo ou fazendo um paralelo psicoterápico, carece da aceitação solícita por parte do aconselhador.

Segunda crítica:

Sua terapia, assim como a maioria das terapias voltadas para o comportamento e a ação, concentra-se exclusivamente em tornar o comportamento mais construtivo. Os sentimentos são entendidos como simples consequência do comportamento. O que está faltando nesses métodos é o reconhecimento de que os sentimentos destrutivos causam comportamento destrutivo, assim

¹⁸⁶ MEYERS, David. *Introdução à Psicologia Geral*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

¹⁸⁷ CLINEBELL, H.J. *Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 157.

¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 157.

como também o inverso ocorre. A terapia precisa concentrar-se em ajudar as pessoas a mudar tanto seus sentimentos quanto seu comportamento ¹⁸⁹.

Terceira crítica:

Sua concepção simplista de que todos os problemas de personalidade são causados pela desobediência à própria consciência. O correlato dessa concepção é a de que a única chave para ajudar todas as pessoas com distúrbios é fazê-las mudar seu comportamento, de tal modo que esteja em conformidade com sua consciência e seus sistemas de valores ¹⁹⁰.

Os três pontos destacados e criticados na teoria de Mowrer também servem para a teoria de Adams, já que as duas são muito semelhantes. O objetivo é corrigir o comportamento. Se a consciência está saudável e adequada, tudo bem; mas o que dizer quando o que se precisa transformar está justamente numa consciência doentia?

Assim, Adams incorporou idéias de Mowrer e formulou o que é conhecido como Aconselhamento Noutético. Contudo, sua formulação é um conjunto de teorias psicológicas comportamentais que mais lhe pareceram cabíveis diante da sua própria cosmovisão. O próprio Adams, que contraria o ecletismo, adota conceitos e técnicas da psicologia comportamental. Deste modo, ele mostra que é assaz útil todos estarem abertos às pesquisas psicológicas que podem auxiliar muito no aconselhamento cristão.

Gary Collins afirma que:

Podemos achar falta em Adams por sua epistemologia (o conceito da fonte do conhecimento) e por sua hermenêutica (interpretação da Escritura) seletiva. Em termos de epistemologia, Adams aceita a autoridade das Escrituras, mas faz a suposição debatível que Deus revelou tudo quanto precisamos saber acerca do aconselhamento dentro das páginas da Bíblia. A revelação escrita de Deus é mais clara do que aquela que não é escrita, e a Bíblia, deve ser aceita como autoridade porque é inerrante e é a Palavra de Deus. Não se segue, porém, que Deus revela todas as verdades acerca do homem ou acerca do seu universo dentro das páginas das Escrituras. A medicina, a física, a química, e uma multidão doutras disciplinas acadêmicas descobriram verdades acerca do mundo de Deus que são consistentes com as páginas da Bíblia, mas não escritas ali. Por que, pois, devemos pressupor que a Psicologia e a Psiquiatria seculares são incapazes de descobrir qualquer verdade? Certamente, as conclusões destas ciências e doutras, devem ser testadas contra a Palavra de Deus escrita, mas desconsiderar a Psicologia, conforme fez Adams, talvez seja

¹⁸⁹ CLINEBELL, H. J. *Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 157.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 158.

mais uma evidência de preconceito pessoal do que da exegese bíblica ou da análise racional ¹⁹¹.

Da mesma forma:

Como conselheiros, não seria melhor examinar a revelação especial de Deus e a natural, e descobrir nestas duas uma compreensão instrutiva e prática do aconselhamento? O próprio Adams fez assim. Defende o emprego de peças teatrais (psicodrama), aconselhamento em times, e às vezes uma forma skinneriana de condicionamento” ¹⁹²,

nenhum dos quais se acha na Bíblia, mas todos os quais podem ser consistentes com a revelação bíblica ¹⁹³.

De acordo com Collins:

O aconselhamento noutético ou admoestatório de Dr. Adams é uma abordagem diretiva que tem pouco lugar para o encorajamento, o aconselhamento apoiador, ou a renovação de confiança e a ajuda que advém da membresia do corpo de crentes. Enfatiza-se a confrontação; desenfatisa-se a escuta, a compaixão e o amor, ainda que estes últimos sejam conceitos bíblicos importantes ¹⁹⁴.

Jay Adams tornou-se largamente conhecido por sua abordagem de confronto, como confirmado por Crabb:

Em sua insistência de que seu modelo seja verdadeiramente bíblico, ele argumenta que a palavra grega *noutheteo*, que inclui a idéia de confronto verbal, diretivo e instrutivo, oferece o conceito fundamental do aconselhamento cristão ¹⁹⁵.

Embora eu concorde com Adams que a maturidade cristã seja o alvo central do aconselhamento bíblico, não acho que a estratégia do confronto esgota todas as formas possíveis de esgotar o alvo, um modelo de confronto não é suficientemente amplo para cobrir todos os componentes do aconselhamento cristão efetivo ¹⁹⁶.

Um modelo de confronto não é suficientemente amplo para cobrir todos os componentes do aconselhamento. Mas, “o aconselhamento inclui muito mais do que o confronto e por vezes

¹⁹¹ COLLINS, G. *Ajudando uns aos outros*. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 174.

¹⁹² Para consultas das técnicas comportamentais consulte Conselheiro Capaz pp. 111-112, 176, 203.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 174.

¹⁹⁴ COLLINS, G. *Op. cit.*, p.175.

¹⁹⁵ CRABB, L. *Aconselhamento Bíblico Efetivo*. Brasília: Refúgio, 1985. p. 134.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 135.

não pode incluir nenhum confronto, confrontar com rudeza uma pessoa abatida não seria apenas cruel como também bastante prejudicial”¹⁹⁷.

Em relação à palavra usada por Adams para descrever seu modo de aconselhamento *noutético*, ela aparece treze vezes em todo o Novo Testamento. Enquanto *noutheteo* e seus derivados gregos ocorrem apenas treze vezes em todo o Novo Testamento, *parakleo* (outra palavra utilizada para descrever o Aconselhamento Cristão, não por Adams) em uma de suas formas, aparece vinte e nove vezes traduzidos como “conforto”, quatorze vezes como “consolar” e quarenta e três vezes como “rogar”. Para Larry Crabb, isto resume o verdadeiro objetivo do aconselhamento cristão. “Porque creio que o aconselhamento inclui uma variedade de atitudes sem uma única estratégia comportamental unificadora como o confronto”¹⁹⁸. Afirmando também:

Assim chegamos à interpretação que Adams dá à Escritura. Numa tentativa de desacreditar a Psicologia e edificar um sistema que é consistente com a Bíblia, Adams às vezes dá a impressão de forçar as Escrituras para dentro de seu próprio sistema. Consideremos, por exemplo, a suposição que o comportamento determina os sentimentos, e nunca vice-versa. É verdade, naturalmente, que viver no bem pode produzir bons sentimentos, e que o comportamento pecaminoso pode criar sentimentos de depressão ou outros problemas. Mesmo assim, Sl 34.12-13; 1 Pe 3; Ef 2.10, 4.19 e 1 Tm 4.2; as passagens que Adams cita, dificilmente dão apoio à conclusão de que os sentimentos sempre brotam do comportamento. Podemos pensar nos fariseus nos dias de Jesus, cujo comportamento era moralmente reto, mas cujas atitudes, reações emocionais e motivos eram claramente impuros e condenados por Jesus (Mt 23). Os conselheiros noutéticos, gastam menos tempo descobrindo como as pessoas se sentem. Estão mais interessados em saber como seus clientes se comportam. Mas, as Escrituras dão importância aos sentimentos e pensamentos e não apenas ao comportamento¹⁹⁹.

Para muitos a Psicologia e a Psiquiatria são inimigos a serem combatidos por se acreditar que estão em completa oposição com a revelação de Deus na Bíblia. Oskar Pfister declara: “já expus em outra oportunidade (*Analytische Seelsorge*. Göttingen, 1997, p.20-24) de que forma excelente Jesus exerce a psicanálise 1900 anos antes de Freud”²⁰⁰. C.S.Lewis (1898-1963) um dos maiores eruditos cristãos do século XX, professor de Literatura de Cambridge e Oxford disse: “A psicanálise, em si mesma, porém, separada de todos os enxertos filosóficos feitos por Freud e outros, não está de forma alguma em contradição com o cristianismo”²⁰¹.

¹⁹⁷ CRABB, L. *Aconselhamento Bíblico Efetivo*. Brasília: Refúgio, 1985, p.135.

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 135.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 175.

²⁰⁰ WONDRAČEK, K.H.K. *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 24.

²⁰¹ LEWIS, C. S. *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 117.

3.2 Análise Psicológica

3.2.1 Doença Mental

Esta é a grande questão. É necessário dizer que o conceito que alguém faz de “doença mental” será o divisor de águas, ou seja, será decisivo em relação ao seu posicionamento a favor ou contra a Psicologia e Psiquiatria.

Para Jay Adams e seguidores, não existe tal conceito de doença mental. Doenças de causas não orgânicas são frutos do pecado pessoal na vida da pessoa. Pecado que precisa ser confrontado e confessado para que haja mudança.

A Associação Psiquiátrica Americana já tem publicado, há algum tempo, um Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM. Nele, o termo “doente mental” é evitado em decorrência do tom jocoso que se atribuiu a ele ao longo do tempo, preferindo usar a expressão *transtorno* mental. A definição que fazem de transtorno mental é:

Síndromes ou padrões comportamentais ou psicológicos clinicamente importantes, que ocorrem num indivíduo e estão associados com sofrimento (p.ex., sintoma doloroso) ou incapacitação (p.ex., prejuízo em uma ou mais áreas importantes do funcionamento) ou com um risco significativamente aumentado de sofrimento, morte, dor, deficiência ou perda importante da liberdade. Qualquer que seja a causa original, a síndrome deve ser considerada no momento como uma manifestação de uma disfunção comportamental, psicológica ou biológica no indivíduo ²⁰².

Todos estes transtornos mentais incluídos no DSM, como por exemplo, transtornos do humor, de ansiedade, psicóticos (como as esquizofrenias), somatoformes; todos se encaixam nas duas grandes classificações de transtornos mentais existentes: psicose e neurose.

²⁰² DSM-IV-TR, *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2003, p. 29.

Segundo Laplanche e Pontalis, psicose é um termo extremamente amplo que abrange principalmente: “a maioria dos sintomas manifestos particularmente na construção delirante”²⁰³. Os dois principais transtornos da psicose são a esquizofrenia, que é uma cisão com a realidade; e o transtorno bipolar: que se caracteriza pela variação dos extremos entre mania e depressão.

Já na neurose a pessoa tem um contato com a realidade e há manifestações psicossomáticas que são notadas por ela. Exemplos de neurose: TOC (transtorno obsessivo-compulsivo – repetição de algum ato diversas vezes por dia, não-controlável e causador de grande ansiedade); Síndrome do Pânico (causa grande aflição e medo paralisante diante de alguma situação); Depressão (também chamada de distímia, se caracteriza pelo intenso retraimento, baixa auto-estima, falta de ânimo, irritação e pode levar ao suicídio), entre muitos outros. A origem da neurose encontra “raízes na história infantil do sujeito e constitui compromissos entre o desejo e falta”²⁰⁴.

Jung foi o grande precursor da psicogênese das doenças mentais. O autor fala sobre a influência que a psique tem sobre a vida de alguém, pois todo o conhecimento do mundo passa pela questão da subjetividade. “O mundo também é *como nós o vemos*, e não puramente objetivo; isso vale ainda mais para a psique”²⁰⁵. Em relação a dificuldades e problemas, Jung expõe as atitudes tomadas diante deles e qual é a mais adequada:

O princípio de causalidade investiga apenas de que maneira essa psique se tornou o que é agora, tal como ela hoje se apresenta. A perspectiva construtiva, ao contrário, pergunta como se pode construir uma ponte entre esta psique e o seu futuro²⁰⁶.

Mesmo sendo inclinados pelo transtorno mental, a ver o mundo de forma extremamente peculiar e distorcida, isso mostra que as pessoas podem se desvencilhar de transtornos e problemas, cuja origem está no passado, e construir uma nova vida diante do futuro.

Como se desenvolvem transtornos mentais tanto a psicose como a neurose?

Jung atribui grande influência e importância do *inconsciente* na psicopatologia.

²⁰³ LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 390.

²⁰⁴ *Ibid.*, p. 296.

²⁰⁵ JUNG, C.G. *Psicogênese das Doenças Mentais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 165.

²⁰⁶ *Ibid.*, p. 166.

A importância do inconsciente para a psicopatologia pode ser brevemente formulada da seguinte maneira: como o material psíquico inconsciente se comporta nos casos da neurose e psicose? ²⁰⁷.

Para encontrar a resposta, ele diz que, primeiramente, é necessário observar o inconsciente atuando nas pessoas sem transtornos mentais e que estão dentro da normalidade, para depois, ser observado e analisado nas pessoas com transtornos.

A tarefa fundamental do inconsciente nas pessoas normais consiste em estabelecer uma compreensão e um equilíbrio, onde todas as tendências extremistas da consciência são atenuadas e suavizadas pelo impulso inconsciente contrário. Essa atividade compensatória se exprime, por meio de atitudes inconscientes, aparentemente insensatas, que Freud chamou com tanta razão de ações sintomáticas ²⁰⁸.

No intuito de ilustrar isso, Jung usa um exemplo da história de Nabucodonozor no livro de Daniel.

Devemos muito a Freud pela especial atenção que deu à importância dos sonhos, pois com isso pudemos descobrir muita coisa acerca dessa função compensatória. Um exemplo histórico extraordinário é o sonho de Nabucodonozor, no quarto capítulo do livro de Daniel. No auge de seu poder, Nabucodonozor teve um sonho premonitório de sua derrocada. Sonhou com uma árvore que, após ter crescido até o céu, caiu por terra. Esse exemplo revela claramente como o sonho compensava o exagerado sentimento de poder que o rei possuía ²⁰⁹.

Paul Tournier ²¹⁰, competente psiquiatra suíço e uma das mentes brilhantes do cristianismo no século XX, disse: “o que caracteriza a neurose é que ela tem origem num conflito interior inconsciente. Segundo Jung, a neurose é uma doença porque não é consciente de seus problemas” ²¹¹. O homem moderno caminha ignorando totalmente qual é seu verdadeiro problema. Tournier questiona: “será que ele não expulsou da consciência o seu real problema, a verdadeira causa do seu tormento, e por isso mesmo o projeta sobre tudo o que toca?” ²¹². Como

²⁰⁷ JUNG, C.G. *Psicogênese das Doenças Mentais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.188.

²⁰⁸ *Ibid.*, p. 189.

²⁰⁹ *Ibid.*, p. 189.

²¹⁰ Paul Tournier foi médico e psiquiatra suíço. Começou sua vida profissional como médico em Genebra, 1928. Sua preocupação com a medicina integral o levou à prática da psicoterapia.

²¹¹ TOURNIER, P. *Mitos e Neuroses*. São Paulo: Ultimato, 2002, p. 21.

²¹² *Ibid.*, p. 21.

se pôde observar na teoria de Jung, as pessoas projetam seus conteúdos inconscientes, quando não conseguem lidar com determinadas questões emocionais. “Chega-se à neurose quando se reprime algo que não foi eliminado”²¹³. A neurose é uma luta interior que é movida por uma ambivalência, uma contradição interior.

Neste sentido, Tournier traz um exemplo: “O filho que ama o pai é justo e são. O filho que odeia o pai é injusto, mas são. O filho que ama e odeia o pai ao mesmo tempo é neurótico, pois isso implica numa contradição interior”.

Quando analisado o papel do inconsciente em pessoas com transtornos mentais, Jung afirma²¹⁴ que ele aparece com maior nitidez nos distúrbios de natureza psicogênica, tais como a histeria, a neurose obsessiva, entre outros.

Já sabemos há muito tempo que certos sintomas desses distúrbios são provocados por processos psíquicos inconscientes. A manifestação do inconsciente em pacientes comprovadamente perturbados é bastante notável, embora pouco reconhecida²¹⁵.

Antigamente, quando predominava o materialismo científico na psiquiatria, acreditava-se que as alucinações, idéias delirantes, estereotípias, além de outras., eram provocadas pelo adoecimento das células cerebrais.

As alucinações nos mostram claramente de que maneira uma parte do conteúdo do inconsciente consegue ultrapassar o limiar da consciência. Essa mesma observação se aplica às idéias delirantes que se apoderam inesperadamente dos pacientes²¹⁶.

Jung coloca a grande questão das pessoas com transtornos mentais.

A expressão “equilíbrio mental” não é apenas uma figura de linguagem, pois se trata realmente de uma perturbação do equilíbrio entre o conteúdo do consciente e o inconsciente. O que, na verdade, acontece é uma irrupção anormal da atividade regular do inconsciente para a consciência, perturbando assim o ajustamento do indivíduo ao meio. Quando investigamos a história de vida de uma pessoa em que isto aconteceu, descobrimos com freqüência que

²¹³ TOURNIER, P. *Mitos e Neuroses*. São Paulo: Ultimato, 2002, p. 22.

²¹⁴ JUNG, C. G. *Psicogênese das Doenças Mentais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 189.

²¹⁵ *Ibid.*, p. 190.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 190.

ela já vivia num estado peculiar de isolamento, fechada com maior ou menor intensidade para o mundo real. Esse isolamento pode ser atribuído a certas singularidades inatas ou adquirido na infância, às quais sempre se manifestam ao longo da vida ²¹⁷.

O autor atribui grande importância ao que ele classifica de *psicogênese*.

Psicogênese significa que a causa essencial de uma neurose, ou uma condição em que ela irrompe, é de natureza psíquica. Pode ser um choque psíquico, um conflito desgastante, uma adaptação psíquica errônea ou ilusão fatal ²¹⁸.

Do mesmo modo, Jung diz que “embora as causas psíquicas das neuroses se apresentem hoje de maneira nítida e inquestionável, a questão da psicogênese em outras doenças mentais é obscura e questionável” ²¹⁹. Nas psicoses, ele afirma que são indubitavelmente sintomas de uma destruição orgânica do cérebro, mas, porque apresentam uma causalidade e finalidade psíquica do inconsciente irrompendo na consciência, elas devem ser abordadas também através da psicogênese, mesmo que se supõe a existência de uma disposição cerebral responsável ²²⁰.

Com relação às psicoses, Jung também afirma que:

Os casos de cura apenas através da psicoterapia são muito raros, pois a própria natureza da doença, ou seja, a cisão da personalidade impede o agente essencial da terapia que é a influência psíquica. Essas mesmas particularidades se revelam nas neuroses obsessivas ²²¹.

De acordo com Jung, a psicoterapia tem uma finalidade profilática tanto nas psicoses como nas neuroses.

Uma causa psíquica jamais pode gerar uma doença mental sem que tenha por base uma predisposição específica. Por outro lado, pode acontecer também que haja uma predisposição e não se revele nenhuma psicose enquanto se evitarem conflitos mais sérios e choques emocionais. Podemos constatar com relativa segurança que a predisposição psíquica leva a um conflito e, com isso, num círculo vicioso, à psicose. Vistos de fora, esses casos parecem estar determinados por uma tendência degenerativa do cérebro. Em minha opinião,

²¹⁷ JUNG, C. G. *Psicogênese das Doenças Mentais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 190.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 213.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 213.

²²⁰ *Ibid.*, p. 214-215.

²²¹ *Ibid.*, p. 216.

a maioria das pessoas que sofrem de *dementia praecox* [psicose] possui uma tendência inata para conflitos psicológicos, embora esses conflitos não sejam incondicionalmente patológicos e sim experiências comuns a todos os homens. Uma vez que a predisposição consiste numa excitabilidade anormal, esses conflitos vão se diferenciar das tensões normais apenas por sua intensidade emocional. É por sua intensidade que esses conflitos estão fora de toda proporção com as demais faculdades mentais do indivíduo. Por isso eles não podem ser controlados como normalmente fazemos com a distração, a razão e o autocontrole ²²².

Ainda segundo Jung, “o que leva a doença é somente a impossibilidade das pessoas se libertarem de um conflito avassalador” ²²³. No momento em que o indivíduo percebe que não pode resolver suas dificuldades sozinho, e ninguém pode ajudá-lo, é que ele entra em pânico e se vê tomado por um caos de emoções e pensamentos estranhos. Essa experiência diz respeito ao período de incubação da doença e raramente chega aos ouvidos de um psicólogo ou psiquiatra, uma vez que isso acontece muito antes de se pensar em procurar ajuda. “Se o psiquiatra conseguir resolver o conflito, então o paciente pode se salvar de uma psicose” ²²⁴. Por isso, Jung diz que a Psicologia tem uma finalidade de ser preventiva.

Numa palestra a pastores, em Estrasburgo, em Maio de 1932, o autor falou sobre a importância de haver um intercâmbio entre Psicologia e Aconselhamento Pastoral. Ele iniciou sua fala dizendo que a neurose é um “sofrimento de uma alma que não encontrou o seu sentido. Do sofrimento da alma é que brota toda criação espiritual e nasce todo homem enquanto espírito: ora, o motivo do sofrimento é a estagnação espiritual, a esterilidade da alma” ²²⁵.

O problema do sofrimento da alma concerneria, no fundo, muito mais ao diretor espiritual do que ao médico. Mas na maioria dos casos o doente consulta primeiro o médico, porque pensa estar fisicamente enfermo e sabe que certos sintomas neuróticos poderão pelo menos ser aliviados por meio de medicamentos. Por outro lado, o diretor espiritual geralmente não possui os conhecimentos que o capacitem a penetrar nas trevas do pano de fundo psíquico dos doentes, como também não possui a autoridade que lhe dê condições de convencer o doente de que seu sofrimento não é de natureza física, mas psíquica ²²⁶.

²²² JUNG, C. G. *Psicogênese das Doenças Mentais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 204.

²²³ *Ibid.*, p. 204.

²²⁴ *Ibid.*, p. 204.

²²⁵ JUNG, C.G. *Escritos Diversos*. Petrópolis: Vozes, 2003, par. 497

²²⁶ *Ibid.*, par. 505

Não obstante, Jung critica alguns pastores que se contradizem ao procurarem apoio nas teorias de Freud e Adler. Esta é “uma curiosa contradição, pois estas duas concepções são, no fundo, inimigas de tudo o que há de espiritual no homem, uma vez que se trata de psicologia sem alma”²²⁷. Uma Psicologia sem alma, que se baseia no determinismo psíquico e no materialismo científico. O autor faz essa crítica, pois ele mesmo diz que nenhum dos seus pacientes que foram até ele, na sua grande maioria protestantes e com mais de trinta e cinco anos de idade, “não houve um só cujo problema mais profundo não fosse o da atitude religiosa”²²⁸, isto é, do seu relacionamento com Deus e de sua fé.

Isso abre um grande espaço para o Aconselhamento Pastoral.

É improvável que o pastor protestante de hoje esteja suficientemente preparado para atender às fortes exigências da alma contemporânea. Já está na hora do diretor espiritual e o médico se darem as mãos para levarem a bom termo esta ingente tarefa espiritual²²⁹.

Jung trata, com muita seriedade, a falta de preparo dos pastores e conselheiros cristãos para lidar com os sofrimentos da alma. Durante alguns anos, ele se dedicou à seguinte pesquisa: “por que as pessoas de hoje, em casos de sofrimento moral, se dirigem de preferência ao médico [psiquiatras e psicólogos] e não ao pastor?”²³⁰. Por conseguinte, ele encontrou algumas respostas²³¹. Consultando os públicos protestantes e católicos, descobriu que 57% de todos os protestantes e somente 25% dos católicos declaravam optar pelo médico em caso de sofrimento moral. Pelo pastor, somente 8% dos protestantes contra 25% dos católicos. O restante das respostas eram 35% dos protestantes que ficaram indecisos contra 17% dos católicos indecisos.

Sendo assim, o autor foi buscar os motivos daquele resultado.

Em 52% das respostas foi mencionada a falta de conhecimentos psicológicos e da compreensão daí decorrente. 28% indicaram como motivo de sua abstenção que o pastor tem uma concepção preestabelecida e o acha muito preso a uma formação dogmática estreita e tradicional²³².

²²⁷ JUNG, C.G. *Escritos Diversos*. Petrópolis: Vozes, 2003, par. 507.

²²⁸ *Ibid.*, par. 509.

²²⁹ *Ibid.*, par. 510.

²³⁰ *Ibid.*, par. 511.

²³¹ *Ibid.*, par. 511.

²³² *Ibid.*, par. 512.

Desta forma, Jung faz, então, uma forte crítica ao que, para ele, atrapalha o processo do Aconselhamento Pastoral: a confrontação, que é a base de Jay Adams no seu Aconselhamento Noutético.

Não se pode mudar aquilo que interiormente ainda não se aceitou. A condenação moral não liberta; ela oprime e sufoca. A partir do momento em que *condeno* alguém, não sou seu amigo e não compartilho de seus sofrimentos; sou o seu opressor. Isto não quer dizer, evidentemente, que nunca se deva condenar alguém. Mas não se deve condenar ali onde se espera e se pode ajudar alguém a melhorar sem recorrer a essa condenação ²³³.

Além disso, ele explica as razões porque alguém recorre ao método da confrontação e julgamento no aconselhamento, um modelo de acusação e confronto direto com o transtorno mental sendo atribuído a um conflito moral direto, o pecado.

Se um médico quer ajudar um homem, deve primeiramente aceitá-lo tal como é. E não poderá fazer isso enquanto não se aceitar a si mesmo previamente, tal como é, em seu ser, com todas as suas falhas ²³⁴.

Ser compassivo não é o mesmo que ser tolerante com o erro. Jesus Cristo era compassivo, mas não tolerava os pecados e erros éticos e morais das pessoas. Ele fazia fortes críticas ao grupo religioso mais predominante de sua época, os fariseus, pois eles queriam colocar fardos morais severos nas outras pessoas, os quais eles mesmos não carregavam e nem ajudavam os outros a carregar. Julgavam e condenavam os outros, quando não usavam o mesmo critério para si mesmos ²³⁵. Jesus tinha um nome para isso: hipocrisia. Ele disse:

Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? Como você não pode dizer ao seu irmão: 'Irmão, deixe-me tirar o cisco do seu olho', se você mesmo não consegue ver a viga que está em seu próprio olho?' ²³⁶.

²³³ JUNG, C.G. *Escritos Diversos*. Petrópolis: Vozes, 2003, par. 519.

²³⁴ *Ibid.*, par. 519.

²³⁵ Maiores detalhes se encontram no Evangelho de Mateus 23.

²³⁶ Evangelho de Lucas 6.41-42 – Nova Versão Internacional

Por isso é que Jung diz que as pessoas preferem adotar “a ignorância de si mesmo e o desvelo duvidoso em relação aos outros, às dificuldades e aos pecados alheios”²³⁷.

É importante realizar uma auto-avaliação quando o método do confronto é utilizado com excessiva insistência no aconselhamento. O que alivia o homem não é o confronto. Jung fala sobre o que “alivia o homem não é o que ele próprio imagina, mas somente uma verdade sobre-humana e revelada que o arranca de seu estado de sofrimento”²³⁸.

O autor expõe, ainda, alguns dos sofrimentos mais comuns que as pessoas enfrentam:

Eles se sentem globalmente que nossas verdades religiosas se tornaram de alguma forma, oca e vazia. Ou não conseguem harmonizar sua concepção das coisas com as verdades religiosas, ou então sentem que as verdades cristãs perderam sua autoridade e justificação psicológica. As pessoas não se sentem mais salvas pela morte de Cristo e não conseguem mais crer [...] o pecado é qualquer coisa inteiramente relativa²³⁹

Este relato é surpreendente. Jung fala de cristãos que se sentem assim e que precisam tanto de tratamento psicológico quanto espiritual. Enquanto os dois se mantiverem distantes e tratando-se como inimigos, não haverá progresso, nem para a ciência, nem para o ser humano. O objetivo de Jung nesta conferência a pastores foi mostrar o mesmo que este trabalho também busca: “de que modo um pastor de almas pode se associar aos esforços empreendidos pela psicoterapia”²⁴⁰.

“Se o diálogo é possível, ele não deve terminar aqui”²⁴¹.

²³⁷ JUNG, C.G. *Escritos Diversos*. Petrópolis: Vozes, 2003, par. 521.

²³⁸ *Ibid.*, par. 531.

²³⁹ *Ibid.*, par. 516.

²⁴⁰ *Ibid.*, par. 537.

²⁴¹ WONDRAČEK, K.H.K. *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 16.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com base na seguinte questão: quais são os limites teológicos e psicológico do Aconselhamento Bíblico de Jay Adams e seguidores? A idéia é que Adams influenciou uma grande geração de conselheiros cristãos que, conseqüentemente, se opuseram à Psicologia e Psiquiatria, como instrumentos válidos para o encaminhamento de pacientes com finalidade terapêutica, ou, por outro lado, para o fato das ferramentas apresentadas por estas duas áreas serem usadas no Aconselhamento Cristão.

Primeiramente, foi apresentada a teoria do Aconselhamento Bíblico de Jay Adams, que afirma que para ser bíblico, uma corrente de aconselhamento precisa ser noutética, uma abordagem de confronto com o pecado pessoal. Em seguida, apresentou-se a teoria desenvolvida por John MacArthur Jr., que é muito semelhante com a teoria de Adams. No desenvolvimento do trabalho, mais precisamente no primeiro capítulo, procurou-se destacar a definição que estes teóricos fazem de doença mental e quais são as críticas direcionadas, principalmente, à Psicologia.

No segundo capítulo, Jung e sua Psicologia Analítica foram apreciadas no intuito de verificar sua influência nos campos da Psicologia e da Religião. Inicialmente, foi mostrada uma breve biografia de sua vida, em que se destaca o ponto em que Jung afirma ser protestante e o quanto isto influenciou em toda sua vida e prática clínica. Além disso, foram destacados os conceitos básicos de sua teoria analítica.

No terceiro e último capítulo, foi feita uma análise do Aconselhamento Bíblico. Dois limites teológicos foram destacados: revelação geral e especial e o segundo foi a suficiência da Bíblia para lidar com todo e qualquer problema humano. Depois, foi enfatizado o limite psicológico, evidenciando-se apenas um, em especial, a conceituação de doença mental; por ser este o viés que determina o posicionamento de alguém em relação à Psicologia ou Psiquiatria. Nesta questão, foi utilizada a teoria analítica de Jung para que ela fosse contraposta aos pensamentos de Adams.

Jay Adams não pode afirmar que o seu modo de aconselhamento, é o Aconselhamento Bíblico, pelo simples fato de ser noutético e diretivo. A razão dele ter escolhido o referido tipo, é porque este foi o que melhor se adaptou a ele, não por sua fé religiosa, mas por sua personalidade e características pessoais. Sua teoria não é neutra e pura, como pretendia expor em suas obras. O Aconselhamento Noutético é fortemente influenciado por teorias psicológicas comportamentais e

principalmente por Hobart Mowrer, que é neobehaviorista e com quem passou longo tempo junto.

As pressuposições em que Adams se baseia são: teoria da responsabilidade de Mowrer e pensamento teológico fundamentalista de Van Til. Ambos os pressupostos foram discutidos no terceiro capítulo.

Sendo assim, a partir das leituras apresentadas e dos posicionamentos defendidos pelos renomados autores expostos, que, por sua vez, tratam não apenas do universo científico, mas também do religioso, pretende-se estimular a discussão sobre um assunto tão imprescindível como este, para que se possa considerar o uso benéfico dos estudos da Psicologia na aplicação do Aconselhamento Bíblico.

Portanto, em vista de tudo que foi ponderado no presente trabalho, pode-se dizer que é necessário que a Psicologia e seus teóricos não sejam vistos como inimigos da fé, ao contrário, devem ser aliados para se construir um ser humano melhor. Conselheiros cristãos necessitam ter conhecimentos básicos de Psicologia se quiserem ser bem sucedidos nos seus aconselhamentos. Não se pode retornar à Idade Média, pois quando se fechou o diálogo com pensamentos diferentes do que a Igreja Católica considerava como corretos e cristãos, o desenvolvimento da humanidade caminhou rumo às trevas.

Pessoas não crentes têm muito a ensinar a todos os cristãos. Deus também derramou capacidade intelectual sobre eles. É mister deixar os extremos. Ouvir e ponderar o que outros disseram e escreveram é retornar ao equilíbrio sadio.

5 REFERÊNCIAS

ADAMS, Jay. *Conselheiro Capaz*. 6. ed. São Paulo: Fiel, 1987.

_____. *More than redemption: a theology of christian counseling*. Phillipsburg: Presbyterian and reformed, 1979.

_____. *O manual do conselheiro cristão*. 4. ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 1994.

_____. *The gospel of john: the letters of John and Jesus*. Woodruff: Timeless texts, 1998.

BERKHOF, Luis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998.

CLINEBELL, H.J. *Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

COLLINS, Gary R. *Ajudando uns aos outros*. São Paulo: Vida Nova, 1982.

CRABB, Lawrence. *Como Compreender as Pessoas*. São Paulo: Vida, 2003.

_____. *Aconselhamento Bíblico Efetivo*. Brasília: Refúgio, 1985.

DSM-IV-TR, *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2003.

GOUVÊA, R.Q. Quarenta livros que fizeram a cabeça dos evangélicos brasileiros nos últimos quarenta anos. *Ultimato*, Viçosa, Minas Gerais, ano XLI, n.315, p. 62-65, nov./dez.2008

GRUDEM, W. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HURDING, Roger. *A Árvore da Cura*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

JUNG, Carl Gustav. *Escritos Diversos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

_____. *Psicogênese das doenças mentais*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. *Resposta a Jó*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001,

LEWIS, C.S. *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MACARTHUR, John F. Jr & MACK, Wayne A. *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*. São Paulo: Hagnos, 2004.

MEYERS, David. *Introdução à Psicologia Geral*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

PFISTER, Oskar. Ilusão de um Futuro. In_____. *O Futuro e a Ilusão*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SCHULTZ, D.P. & SCHULTZ, S.E. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Thomson, 2006.

TOURNIER, Paul. *Mitos e Neuroses*. São Paulo: Ultimato, 2002.

WHITMONT, Edward C. *A Busca do Símbolo – Conceitos Básicos em Psicologia Analítica*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

6 BIBLIOGRAFIA

ADAMS, Jay Edward. *A theology of christian counseling*. Grand Rapids: Zondervan, 1986.

_____. *The Big umbrella: an other essays on christian counseling*. Grand Rapids: Baker Books, 1973.

_____. *The biblical view of self-esteem, self-love, self-image*. Eugene: Harvest House Publishers, 1986.

_____. *Truth apparent*. Stanley: Timeless texts, 1982.

_____. *What to do when counseling fails*. Stanley: Timeless texts, 2003.

_____. *Competent to counsel*. New jersey: Presbyterian and reformed, 1970.

_____. *Growing by grace: sanctification & counseling*. Stanley: Timeless texts, 2003.

_____. *How to help people change: the four-step biblical process*. Grand Rapids: Zondervan, 1986.

_____. *How to overcome evil*. Grand rapids: Baker Books, 1978.

_____. *Is all truth god's truth?* Stanley: Timeless texts, 2003.

BLAZER, Dan. *Freud versus Deus*. São Paulo: Ultimato, 2002.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COSNIER, Jacques. *Chaves da Psicologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

COSTA, Samuel. *Psicoteologia Geral – volume I*. 2. ed. Rio de Janeiro: S.S.Costa, 2004

_____. *Psicoteologia Geral – volume II*. Rio de Janeiro: S.S.Costa, 2004

DREHER, Martin. *Para entender o Fundamentalismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

FENICHEL, Otto. *Teoria Psicanalítica das Neuroses*. São Paulo: Ateneu, 1981.

FREUD, Sigmund. *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939)*. Viçosa: Ultimato, 1998.

FROMM, Erich. *Psicanálise e Religião*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1966.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Petrópolis: Vozes, 1980.

KÜNG, Hans. *Freud e a Questão da Religião*. Campinas: Verus, 2006.

MORANO, Carlos Domínguez. *Crer Depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003.

NARRAMORE, Clyde M. *The Psychology of Counseling*. 13.ed. Michigan: Zondervan House, 1969.

ORO, Ivo Pedro. *O Outro é o Demônio – uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

RIZZUTO, Ana-Maria. *Por que Freud Rejeitou a Deus?* São Paulo: Loyola, 2001.

SANTOS, Oswaldo de Barros. *Aconselhamento Psicológico e Psicoterapia*. São Paulo: Pioneira, 1982

SAPORTTI, Elisabeth. *A Cientificidade da Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1994.

TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça*. 1. ed. São Paulo: ABU, 1985.